



romance

rainbow rowell

Tradução de Susana Serrão



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

Para Forest, Jade, Haven e Jerry
— e todos os outros na parte de trás da carrinha

Ele deixara de tentar trazê-la de volta.

Ela só voltava quando lhe apetecia, em sonhos e mentiras e *déjà-vus* desfeitos.

Tipo, ia ele a conduzir para o trabalho, e via uma rapariga com cabelo ruivo numa esquina — e podia jurar, durante metade de um momento sufocante, que era ela.

Depois via que o cabelo da rapariga era mais louro do que ruivo.

E que ela tinha um cigarro na mão... E que usava uma t-shirt dos Sex Pistols.

Eleanor detestava os Sex Pistols.

Eleanor...

De pé atrás dele até que ele virasse a cabeça. Deitada ao lado dele mesmo antes de ele acordar. A fazer todas as outras parecerem insensas e chatas e nunca à sua altura.

Eleanor a estragar tudo.

Eleanor, que se fora embora.

Ele deixara de tentar trazê-la de volta.

Agosto de 1986

Park

XTC não prestava para abafar o ruído dos tansos que iam na parte de trás do autocarro.

Park enfiou os auscultadores nas orelhas.

Amanhã iria trazer Skinny Puppy ou os Misfits. Ou se calhar gravaria uma cassete especial para o autocarro com gritaria e carpideiras tanto quanto possível.

Podia voltar à New Wave em novembro, depois de ter tirado a carta de condução. Os pais já tinham dito que Park poderia ficar com o *Impala* da mãe, e ele andava a poupar para um leitor de cassetes novo. Assim que começasse a ir para a escola de carro, poderia ouvir o que bem lhe apetecesse ou nada de nada, *além* de poder ficar na cama mais uns vinte minutos.

— Isso não existe! — gritou alguém atrás dele.

— Existe pois, caraças! — gritou Steve também. — Estilo Drunken Monkey, meu, é uma cena à séria, caraças. Até se pode matar alguém com ela...

— Tu só dizes merda.

— *Tu* é que só dizes merda — disse Steve. — Park! Ó Park.

Park ouviu, mas não respondeu. Por vezes, quando não se dava atenção ao Steve um minuto, ele passava a outra coisa qualquer. Saber isso

era 80 por cento de sobrevivência ao lado de Steve. Os outros 20 por cento eram só não dar nas vistas...

E Park esquecera-se disso por momentos. Uma bola de papel acertou-lhe na nuca.

— Isso eram os meus apontamentos de Crescimento e Desenvolvimento Humano, ó alarve — disse Tina.

— Desculpa lá, fofa — disse Steve. — Eu ensino-te crescimento e desenvolvimento humano, o que é que precisas de saber?

— Ensina-lhe estilo Drunken Monkey — disse alguém.

— *Park!* — berrou Steve.

Park tirou os auscultadores e virou-se para a traseira do autocarro. Steve e a sua comitiva encontravam-se na última fila. Mesmo sentado, a cabeça praticamente tocava no teto. Steve parecia sempre rodeado de mobília para bonecas. Parecia um homem adulto desde o sétimo ano, e isso antes de lhe crescer a barba. Ligeiramente antes.

Por vezes, Park não sabia se Steve não andaria com Tina porque ela o fazia parecer ainda mais monstruoso. A maioria das miúdas dos Flats eram pequenas, mas Tina nem metro e meio tinha. Cabelo volumoso incluído.

Uma vez, ainda no básico, um puto qualquer tinha tentado dizer ao Steve que não engravidasse a Tina porque senão esses bebês gigantes ainda a matavam.

— Hão de sair da barriga dela como no *Aliens* — dissera o puto. Steve partiu o dedo mindinho na tromba do miúdo.

Quando o pai de Park soube disto, tinha comentado:

— Alguém que ensine ao miúdo dos Murphy como é que se fecha a mão em punho.

Contudo, Park tinha esperança de que ninguém ensinasse. O puto a quem Steve batera não conseguiu abrir os olhos durante uma semana inteira.

Park atirou a Tina os trabalhos de casa no papel amarfanhado. Ela apanhou-os.

— Park — disse Steve. — Conta ao Mikey do karaté Drunken Monkey.

— Não sei nada disso. — Park encolheu os ombros.

— Mas existe, não existe?

— Já devo ter ouvido falar.

— Pronto — disse Steve. Procurou qualquer coisa para atirar ao Mikey, mas não encontrou nada, e apontou-lhe o dedo. — Eu disse-te, caraças.

— Que raio é que o Sheridan sabe de kung fu? — perguntou Mikey.

— Mas tu és atrasado, ou quê? — contrapôs Steve. — A mãe dele é chinesa.

Mikey olhou para Park com toda a atenção. Park sorriu e semicerrou os olhos.

— Pois, parece que ‘tô a ver — disse Mikey. — Sempre achei que eras mexicano.

— Bardamerda, Mikey — disse Steve. — És mesmo racista, caraças.

— Ela não é chinesa — disse Tina. — É coreana.

— Quem? — perguntou Steve.

— A mãe do Park.

A mãe do Park cortava o cabelo à Tina desde a escola primária. Tinham ambas o mesmo penteado: permanente comprida em espirais e franja alta e tufada.

— Ela é boazona que se farta, é o que é — disse Steve, e desatou a rir-se. — Sem ofensa, Park.

Park conseguiu sorrir outra vez e afundou-se no assento, voltando a pôr os auscultadores e o volume no máximo. Ainda conseguia ouvir Steve e Mikey, quatro filas atrás.

— Mas de que serve, caraças? — perguntou Mikey.

— Meu, mas tu queres lutar com um macaco bêbado? São enormes, caraças. Como no *Indomável Rebelde*, meu. Imagina aquele sacana a passar-se da marmita contigo.

Park reparou na miúda nova praticamente ao mesmo tempo que os outros todos. Estava de pé na parte da frente do autocarro, ao lado do primeiro lugar vago.

Estava lá um putito sentado sozinho, um caloiro. Pôs a mochila no lugar ao lado dele e virou a cabeça para o outro lado. Ao longo do corredor, quem estava sentado sozinho passou para o lugar de fora. Park ouviu Tina rir-se; ela adorava aquelas cenas.

A miúda nova respirou fundo e avançou pelo corredor. Ninguém queria olhar para ela. Park também tentou não olhar, mas era tipo de-sastre/eclipse.

A miúda parecia mesmo o tipo de pessoa a quem aquilo tinha de acontecer.

Não bastava ser nova — era grande e desajeitada. Cabelo revoltado, ruivo vivo, além de encaracolado. E estava vestida como... como se *quisse* que as pessoas olhassem para ela. Ou talvez porque não percebesse o estado em que estava. Tinha uma saia xadrez, uma camisa de homem, meia dúzia de colares esquisitos ao pescoço e lenços enrolados nos pulsos. Fazia lembrar a Park um espantalho ou uma das bonecas das preocupações que a mãe tinha na cómoda. Como uma coisa que não sobreviveria na natureza.

O autocarro tornou a parar e entrou mais um monte de miúdos. Empurraram a miúda, não lhe ligaram nenhuma, e deixaram-se cair nos lugares que já eram seus.

Era isso mesmo — toda a gente no autocarro já tinha lugar. Todos tinham reclamado um para si no primeiro dia de aulas. Gente como Park, que tinha a sorte de um lugar só para si, não ia desistir disso agora. Muito menos por alguém assim.

Park tornou a olhar para a miúda. Estava ali espedada.

— Ó tu — bradou o motorista do autocarro. — Senta-te!

A miúda começou a avançar para a traseira do autocarro. Mesmo para a barriga da besta. *Caramba*, pensou Park, *para lá. Volta para trás*. Até podia sentir Steve e Mikey a lamberem os beiços com a aproximação dela. Park tentou novamente desviar o olhar.

Nisto, a rapariga reparou num lugar vago do outro lado de Park. Viu-se-lhe o alívio na cara, e apressou-se nessa direção.

— Ó — chamou Tina.

A miúda continuou a andar.

— Ó — continuou Tina. — *Palhaça*.

Steve desatou a rir. Os amigos imitaram-no segundos depois.

— Não te podes sentar aí — disse Tina. — Esse lugar é da Mikayla.

A miúda parou e olhou para Tina, e depois outra vez para o lugar vago.

— *Senta-te* — berrou o motorista lá da frente.

— Tenho de me sentar nalgum lado — disse a miúda para Tina, em voz calma e firme.

— Problema teu — exclamou Tina. O autocarro fez uma travagem e a miúda balançou para trás de maneira a não cair. Park tentou aumentar

o volume do *Walkman*, mas já estava no máximo. Olhou para a miúda; parecia que ela ia desatar a chorar.

Antes mesmo de tomar essa decisão, Park chegou-se mais para a janela.

— Senta-te — disse ele. Saiu-lhe num tom irritado. A miúda virou-se para ele, como se não soubesse bem o que achar, se ele era mais um sacana ou não. — Porra — disse Park baixinho, a apontar com a cabeça para o espaço a seu lado. — Senta-te lá, foda-se.

A miúda sentou-se. Não disse nada — felizmente, não lhe agradeceu — e deixou quinze centímetros no lugar entre eles.

Park virou-se para a janela de *plexiglas* e esperou que lhe caísse em cima um mundo de chatices.

Eleanor

Eleanor ponderou as opções:

- 1 — Podia ir para casa a pé. Prós: exercício, cor nas bochechas, tempo só para si. Contras: ainda não sabia bem a morada nova, nem sequer a direção em que deveria seguir.
- 2 — Podia ligar à mãe a pedir boleia. Prós: montes. Contras: a mãe não tinha telefone. Nem carro.
- 3 — Podia ligar ao pai. Ahaha.
- 4 — Podia ligar à avó. Só para dizer olá.

Estava sentada nos degraus de cimento da entrada da escola, a olhar para a fila de autocarros amarelos. O dela estava lá. Número 666.

Mesmo que Eleanor conseguisse evitar o autocarro hoje, mesmo que a fada madrinha aparecesse com uma abóbora feita carruagem, ela ainda teria de arranjar maneira de voltar às aulas na manhã seguinte.

E não era que os miúdos diabólicos do autocarro fossem acordar do outro lado da cama deles na manhã seguinte. A sério. Eleanor não ficaria nada admirada se eles escancarassem as mandíbulas na ocasião seguinte em que ela os visse. A miúda lá atrás de cabelo louro e blusão lavado com

ácido? Praticamente podia ver-se os cornos escondidos na franja. E o namorado só podia ser membro dos Nefilim.

Essa miúda — todos eles — odiavam Eleanor ainda antes de lhe terem posto a vista em cima. Como se tivessem sido contratados para matar Eleanor numa vida passada.

Eleanor não sabia dizer se o miúdo asiático que finalmente a deixara sentar-se era um deles, nem se seria apenas realmente estúpido (mas não *estúpido*-estúpido — andava em duas turmas do quadro de honra com Eleanor).

A mãe insistira que a escola nova incluísse Eleanor em turmas do quadro de honra. Passara-se da cabeça quando vira as más notas que Eleanor tivera no ano anterior, o nono ano.

— Isto não pode constituir surpresa para si, Senhora Douglas — dissera o diretor de turma. *Ahaha*, pensara Eleanor, *ficarias admirado com o que poderá constituir surpresa nesta altura do campeonato.*

Não interessava. Eleanor podia olhar para as nuvens com a mesma facilidade nas turmas do quadro de honra. Havia a mesma quantidade de janelas.

Se ela alguma vez voltasse àquela escola.

Se ela alguma vez chegasse a casa.

Eleanor não podia contar à mãe sobre a situação no autocarro, pelo menos não de imediato, pois a mãe dissera que ela não tinha de andar de autocarro. Nessa noite, quando ajudara Eleanor a desfazer as malas...

— O Richie disse que te levava — disse a mãe. — Fica a caminho do trabalho.

— Vai obrigar-me a ir na parte de trás da carrinha?

— Ele está a tentar fazer as pazes, Eleanor. Tu prometeste que também tentavas.

— É mais fácil para mim fazer as pazes à distância.

— Eu disse-lhe que estavas pronta a fazer parte desta família.

— Eu *já* faço parte desta família. Eu sou tipo membro fundador.

— Eleanor — disse a mãe. — Por favor.

— Eu vou de autocarro — dissera Eleanor. — Não é nada de mais.

Vou conhecer gente.

Ahaha, pensava Eleanor agora. *Ahaha gigantesco e dramático.*

O autocarro estava quase a partir. Já havia alguns a sair. Alguém correu pelos degraus abaixo ao lado de Eleanor e deu-lhe um pontapé na

mochila por acaso. Ela tirou-a do caminho e começou a pedir desculpa — mas era o estúpido do miúdo asiático, e ele fez má cara quando viu que era ela. Ela também lhe fez má cara, e ele continuou a correr.

Ora, pronto, pensou Eleanor. As sementes do inferno não hão de passar fome por minha causa.

Park

Ela não falou com ele na viagem para casa.

Park passara o dia a pensar como livrar-se da miúda nova. Teria de mudar de lugar. Era a única solução. Mas mudar para que lugar? Não queria impingir-se a outra pessoa. Até o simples ato de mudar de lugar chamaria a atenção de Steve.

Park estava a contar que Steve começasse a implicar com ele assim que deixara a rapariga sentar-se, mas Steve voltou logo à conversa do kung fu. Park, a propósito, percebia montes de kung fu. Porque o pai era obcecado por artes marciais, e não porque a mãe fosse coreana. Park e o irmão mais novo, Josh, andavam no taekwondo desde que tinham começado a andar.

Mudar de lugar, *como...*

Provavelmente arranjaria lugar à frente com os caloiros, mas isso seria uma mostra de fraqueza espetacular. E ele quase detestava a ideia de deixar a esquisita da miúda nova na traseira do autocarro sozinha.

Detestava-se a si mesmo por pensar sequer assim.

Se o pai soubesse que ele estava a pensar assim, chamar-lhe-ia cobar-dolas. Em voz alta, por uma vez que fosse. Se a avó soubesse, dar-lhe-ia um calduço. *Mas que maneiras são essas?*, diria ela. *É assim que se trata alguém com pouca sorte?*

Ora, Park não tinha sorte — nem estatuto — para desperdiçar naquela ruiva parva. Tinha apenas o bastante para não se meter em sari-lhos. Sabia muito bem que era uma porcaria, mas quase se sentia grato por haver gente como aquela miúda. Porque também havia gente como Steve e Mikey e Tina, e alguém tinha de os entreter. Se não fosse a ruiva, teria de ser alguém. Se não houvesse mais ninguém, teria de ser Park.

Steve não lhe prestara atenção nessa manhã, mas isso não seria para sempre...

Park até estava a ouvir a avó outra vez, *A sério, filho, estás a ficar com dores de barriga porque fizeste uma coisa simpática à vista de toda a gente?*

Nem sequer fora assim tão simpática, pensou Park. Deixara a rapariga sentar-se, mas fora malcriado. Quando ela aparecera na aula de Inglês dessa tarde, era como uma assombração...

— Eleanor — disse o Professor Stessman. — Mas que nome poderoso. É nome de rainha, sabias?

— É o nome da Chipette gorda — disse alguém atrás de Park. Outro alguém riu-se.

O Prof. Stessman apontou para uma carteira vaga lá à frente.

— Hoje estamos a ler poesia, Eleanor — disse ele. — Dickinson. Talvez queiras começar.

Abriu o livro dela na página certa e apontou.

— Podes começar — disse ele — alto e bom som. Eu digo-te quando for para parar.

A miúda nova olhou para o Prof. Stessman como se estivesse à espera que ele estivesse na brincadeira. Quando ficou claro que não — ele quase nunca brincava —, ela começou a ler.

— “Tantos anos com fome passei” — leu. Uns miúdos riram-se. Caramba, pensou Park, só o Prof. Stessman para fazer uma miúda gorda ler um poema sobre comida no seu primeiro dia de aulas.

— Continua, Eleanor — ordenou o Prof. Stessman.

Ela recomeçou, o que Park achou péssima ideia.

— “Tantos anos com fome passei” — disse ela, em voz mais alta. —

“Cheguei para almoçar, ao meio-dia,

Trémula, mais perto a mesa puxei,

E toquei no vinho que era uma iguaria.

Já tinha visto assim muitas mesas,

Quando me virava, sozinha e esfomeada,

Para as janelas onde via riquezas
Que a esperança nunca me dava.”

O Prof. Stessman não a mandou parar, e ela leu o poema todo naquela voz fria e desafiadora. A mesma voz com que ela falara com a Tina.

— Foi maravilhoso — disse o Prof. Stessman quando ela terminou. O homem estava radiante. — Maravilhoso mesmo. Espero que fiques connosco, Eleanor, pelo menos até darmos *Medeia*. Tens uma voz que chega de quadriga puxada por dragões.

Quando a miúda apareceu em História, o Prof. Sanderhoff não fez alarido, mas disse, “Ah, a Rainha Eleanor da Aquitânia”, quando ela lhe entregou a ficha preenchida. Ela sentou-se umas filas à frente de Park e, tanto quanto ele percebeu, passou a aula inteira a olhar para o Sol.

Park não conseguiu arranjar maneira de se livrar dela no autocarro. Nem maneira de se livrar de si próprio. Por conseguinte, pôs os auscultadores antes de a miúda se sentar e o volume no máximo.

Graças a Deus que ela não tentou falar com ele.

Eleanor

Chegou a casa nessa tarde antes de todos os miúdos, o que era bom, já que não estava preparada para os ver outra vez. Tinha sido cá um espetáculo anormal quando ela entrara nessa noite...

Eleanor passara tanto tempo a pensar em como seria finalmente chegar a casa e nas imensas saudades que tinha de todos — até achou que lhe fariam uma festa com serpentinas. Pensou mesmo que todos desatariam a abraçar-se uns aos outros.

Porém, quando Eleanor entrou em casa, foi como se os irmãos não a reconhecessem.

Ben limitou-se a olhar para ela, e Maisie — Maisie estava sentada ao colo de Richie. Coisa que teria feito Eleanor vomitar de imediato se não tivesse acabado de prometer à mãe que se portaria lindamente para o resto da vida.

Só o Rato correu para dar um abraço a Eleanor. Ela pegou-lhe ao colo, agradecida. Já tinha cinco anos e estava pesado.

— Olá, Rato — disse ela. Chamavam-lhe assim desde bebé; ela já não sabia bem porquê. Ele fazia-lhe lembrar mais um cachorro grande e desajeitado: sempre entusiasmado, sempre a tentar saltar-nos para o colo.

— Olha, papá, é a Eleanor — disse o Rato, a saltar-lhe do colo. — Conheces a Eleanor?

Richie fingiu que não ouvia. Maisie olhava e chuchava no dedo. Há anos que Eleanor não a via fazer aquilo. Já tinha feito oito anos mas, de dedo na boca, parecia mesmo um bebé.

O bebé não se recordaria nada de Eleanor. Já teria dois anos... Lá estava ele, sentado no chão com Ben. Ben tinha onze. Olhava para a parede atrás da televisão.

A mãe levou o saco com a bagagem de Eleanor para um quarto que ficava ao lado da sala, e Eleanor foi atrás dela. O quarto era minúsculo, só cabia uma cómoda e uns beliches. O Rato entrou a correr atrás delas.

— Tu ficas com o beliche de cima — disse ele —, o Ben tem de dormir no chão comigo. A mãe já nos tinha dito e o Ben desatou a chorar.

— Não te rales com isso — disse a mãe, baixinho. — Todos temos de nos adaptar.

Não havia espaço naquele quarto para adaptações (mas Eleanor decidiu não falar disso). Foi deitar-se assim que pôde, para não ter de voltar à sala.

Quando acordou a meio da noite, os três irmãos estavam a dormir no chão. Não havia como se levantar sem pisar um deles, e ela nem sabia onde ficava a casa de banho...

Mas deu com ela. Só havia cinco divisões na casa, e a casa de banho quase nem contava. Era um anexo da cozinha — literalmente, anexo, pois nem porta tinha. Aquela casa tinha sido concebida por trolls das cavernas, pensou Eleanor. Alguém tinha pendurado, provavelmente a mãe, um lençol florido entre o frigorífico e a sanita.

Quando chegou a casa das aulas, Eleanor entrou com a chave nova. A casa ainda era mais deprimente à luz do dia — se possível, encardida e despojada — mas, pelo menos, Eleanor tinha tudo, e a mãe, só para si.

Era esquisito chegar a casa e dar com a mãe, de pé na cozinha, como... como se fosse normal. Estava a fazer sopa, a picar as cebolas. Eleanor teve vontade de chorar.

— Que tal foram as aulas? — perguntou a mãe.

— Boas — respondeu Eleanor.

— O teu primeiro dia foi bom?

— Claro. Quer dizer, foi, eram só aulas.

— Há muita coisa atrasada para reverteres?

— Não me parece.

A mãe limpou as mãos às calças de ganga e ajeitou o cabelo atrás das orelhas e Eleanor ficou siderada, pela milésima vez, com a beleza da mãe.

Quando Eleanor era pequenina, achava que a mãe parecia uma rainha, como a protagonista de um conto de fadas qualquer.

Não parecia uma princesa — as princesas são simplesmente giras. A mãe de Eleanor era linda. Era alta e majestosa, ombros largos e cintura elegante. Todos os ossos pareciam mais determinados do que os de qualquer outra pessoa. Como se não estivessem ali simplesmente para a sustentar; estavam lá a marcar posição.

Tinha um nariz de traços fortes e um queixo bem feito, e maçãs do rosto altas e cheias. Olhava-se para a mãe de Eleanor e pensava-se que ela estaria esculpida na proa de um barco viquingue algures, ou talvez pintada na fuselagem de um avião...

Eleanor parecia-se muito com ela.

Mas não o suficiente.

Eleanor parecia-se com a mãe vista através de um aquário. Mais redonda e mais macia. Desfocada. Onde a mãe era como uma estátua, Eleanor era pesada. Onde a mãe era finamente desenhada, Eleanor era um borrão.

Ao fim de cinco filhos, a mãe continuava a ter seios e ancas como uma mulher num anúncio a tabaco. Aos dezasseis anos, Eleanor já tinha a compleição de quem manda numa taberna medieval.

Ela tinha demasiado de tudo e pouquíssima altura para distribuir. Os seios começavam logo abaixo do queixo, as ancas eram... uma paródia. Até o cabelo da mãe, comprido, ondulado e castanho-avermelhado, era uma versão mais legítima dos caracóis ruivos vivos de Eleanor.

Eleanor levou a mão à cabeça, embaraçada.

— Tenho uma coisa para te mostrar — disse a mãe, a tapar a sopa — mas não queria mostrar-te à frente dos pequenitos. Olha, vem comigo.

Eleanor foi atrás dela até ao quarto dos miúdos. A mãe abriu o roupeiro e tirou uma pilha de toalhas e um cesto da roupa cheio de peúgas.

— Não pude trazer as tuas coisas todas quando nos mudámos — disse ela. — É óbvio que não temos aqui o mesmo espaço que tínhamos na outra casa... — A mãe foi ao roupeiro e tirou um saco do lixo preto. — Mas emalei o máximo que pude.

Passou o saco a Eleanor e disse:

— Desculpa lá o resto.

Eleanor partira do princípio de que no ano anterior Richie lhe tinha deitado as coisas todas para o lixo, dez segundos depois de a pôr fora de casa. Pegou no saco com os dois braços.

— Não faz mal — disse. — Obrigada.

A mãe tocou-lhe num ombro, apenas um segundo.

— Os pequenitos devem chegar daqui a vinte minutos, mais ou menos — disse ela —, e vamos jantar por volta das quatro e meia. Gosto de ter tudo pronto antes de o Richie chegar a casa.

Eleanor assentiu. Abriu o saco assim que a mãe saiu do quarto. Queria ver o que é que ainda era seu...

A primeira coisa que reconheceu foram as bonecas de papel. Estavam soltas no saco e amachucadas; algumas riscadas com lápis de cera. Há anos que Eleanor não brincava com elas, mas ficou contente por as encontrar. Alisou-as e colocou-as num monte.

Por baixo das bonecas havia livros, mais ou menos uma dúzia, em que a mãe devia ter pegado ao calhas; ela não sabia quais eram os preferidos de Eleanor. Ficou contente por ver *O Estranho Mundo de Garp* e *Watership Down*. Era uma treta que a *História de Oliver* tivesse escapado, mas não *História de Amor*. Lá estava *Homenzinhos*, mas não *Mulherzinhas* nem *Os Rapazes da Jo*.

Havia mais um monte de papéis no saco. Eleanor tinha um arquivador no antigo quarto, e parecia que a mãe tinha agarrado na maior parte das pastas. Eleanor tentou empilhar tudo ordeiramente, todas as fichas da escola e as fotografias e as cartas de amigos com quem se correspondia um pouco por todo o mundo.

Ficou a pensar onde teria ido parar o resto da outra casa. Não só as suas coisas, as de toda a gente. Do género, mobília e brinquedos, todas as plantas e pinturas da mãe. O serviço dinamarquês do casamento da avó... o cavalinho vermelho *Uff Da!* que costumava estar pendurado por cima do lava-louça.

Talvez estivesse num caixote algures. Talvez a mãe tivesse esperança de que a casa dos trolls das cavernas fosse temporária.

Eleanor ainda tinha esperança de que Richie fosse temporário.

No fundo do saco do lixo preto estava uma caixa. Eleanor sentiu o coração bater-lhe mais forte quando a viu. O tio do Minnesota costumava mandar à família uma adesão para o Clube Fruta do Mês, todos os Natais, e Eleanor e os irmãos e a irmã brigavam sempre pelas caixas

onde vinha a fruta. Era uma estupidez, mas as caixas eram boas — sólidas, com tampas bonitas. Aquela era a caixa das toranjas, com as beiras gastas pelo uso.

Eleanor abriu-a com cuidado. Ninguém tinha mexido no que estava lá dentro. Tinha o papel de carta, os lápis de cor, os marcadores *Prisma-color* (outra prenda de Natal do tio). Tinha uma pilha de cartões promocionais do centro comercial que ainda cheirava a perfume caro. E tinha o *Walkman* dela. Intocado. Sem pilha também mas, mesmo assim, ainda lá estava. E onde havia um *Walkman*, havia a possibilidade de música.

Eleanor deixou a cabeça pender sobre a caixa. Cheirava a *Chanel n° 5* e aparas de lápis. Suspirou.

Não havia nada a fazer aos pertences recuperados depois de realizar inventário. Nem sequer havia espaço na cómoda para a roupa de Eleanor. Assim, ela pôs de parte a caixa e os livros, e voltou cuidadosamente a guardar tudo no saco do lixo. Depois arrumou o saco o mais fundo que pôde na prateleira mais alta do roupeiro, atrás das toalhas e de um humidificador.

Subiu para o beliche e encontrou um gato velho e macilento a dormir lá.

— Xô — fez Eleanor, a enxotá-lo. O gato saltou para o chão e saiu porta fora.

Park

O Prof. Stessman estava a fazê-los decorar um poema, o poema que quisessem. Bem, o poema que escolhessem.

— Vocês vão esquecer-se de tudo o resto que eu lhes ensinar — disse o Prof. Stessman, a cofiar o bigode. — Tudo. Talvez se lembrem de que Beowulf lutou com um monstro. Talvez se lembrem de que “Ser ou não ser”, é do *Hamlet* e não do *Macbeth*... Mas tudo o resto? Esqueçam lá isso.

O professor andava lentamente pelos intervalos das carteiras. O Prof. Stessman adorava aquelas cenas — teatro a toda a volta. Parou perto da carteira de Park e apoiou a mão na cadeira dele com um gesto casual. Park parou de desenhar e sentou-se muito direito. Também não sabia desenhar, fosse como fosse.

— Portanto, vão decorar um poema — continuou o Prof. Stessman, e parou um momento, a sorrir para Park como Gene Wilder na fábrica de chocolate. — Os cérebros adoram poesia. É uma coisa peganhenta. Vão decorar este poema e, daqui a cinco anos, vamos encontrar-nos no Village Inn, e vocês vão dizer, “Professor Stessman, ainda me lembro de “A Estrada Nunca Escolhida”! Ora escute lá... “Duas estradas seguiam por um bosque amarelo...”

O professor passou à carteira seguinte. Park descontraíu-se.

— Ninguém vai escolher “A Estrada Nunca Escolhida”, a propósito, e eu estou farto dele. Shel Silverstein também não. É grandioso, mas já avançámos. Aqui somos todos adultos. Escolham um poema adulto... Escolham um poema romântico, é o que lhes aconselho. Hão de aproveitar muito mais.

Passou pela carteira da miúda nova, mas ela não mexeu a cara virada para a janela.

— Claro que vocês é que decidem. Podem escolher “Um Sonho Adiado”. Eleanor? — Ela virou-se, inexpressiva, e o Prof. Stessman chegou-se. — Podes escolher este, Eleanor. É lancinante e é verdadeiro. Mas com que frequência poderás aproveitá-lo?

»Não. Escolham um poema que vos diga alguma coisa. Escolham um poema que vos ajude a falar com outra pessoa.

Park tencionava escolher um poema que rimasse para lhe ser mais fácil decorá-lo. Gostava do Prof. Stessman, a sério — mas se ele ao menos não fosse tão intenso. Sempre que andava pela sala daquela maneira, Park sentia vergonha por ele.

— Encontramo-nos amanhã na biblioteca — disse o Prof. Stessman, de volta à sua secretária. — Amanhã, vamos apanhar botões de rosa.

Deu o toque. Era a deixa.

Eleanor

— Cuidado, Cabeça de Trapos. — Tina empurrou Eleanor para passar e entrou para o autocarro.

Já ordenara que toda a gente na turma de ginástica chamasse Palhaça a Eleanor, mas agora passara a Cabeça de Trapos e *Bloody Mary*. “Porque parece que a tua cabeça são farrapos,” explicara ela nos vestiários.

Fazia sentido que Tina estivesse na turma de ginástica de Eleanor — pois a ginástica era uma extensão do inferno, e Tina era decididamente um demónio. Um demónio esquisito em miniatura. Como um demónio de brincar. Ou uma chávena de chá. E tinha um gangue inteiro de demónios menores, todos trajados de fatos de treino a combinar.

Aliás, toda a gente usava fatos de treino a combinar.

Na antiga escola de Eleanor, ela achava uma chatice que tivessem de usar *calções* de ginástica (Eleanor detestava as próprias pernas ainda mais do que detestava o resto do corpo). Porém, na North, tinham de usar *fatos de treino*. Macacos em poliéster. Parte de baixo encarnada, parte de cima às riscas brancas e encarnadas, tudo com fecho à frente.

— O encarnado não te assenta bem, Palhaça — dissera Tina da primeira vez que Eleanor se equipara. As outras miúdas tinham-se rido, até as negras que odiavam Tina. Rirem-se de Eleanor era como a montanha de Martin Luther King.

Depois de Tina a empurrar, Eleanor demorou-se a entrar para o autocarro — mas ainda se conseguiu sentar antes do estúpido do miúdo asiático. Ou seja, teria de se levantar para ele chegar ao lugar da janela. Ou seja, seria uma seca. Era tudo uma seca. Sempre que o autocarro passava por cima de um buraco, Eleanor praticamente caía no colo do puto.

Talvez alguém no autocarro desistisse da escola ou morresse ou coisa assim, para ela poder afastar-se dele.

Pelo menos, ele nunca falava com ela. Nem olhava para ela.

Pelo menos, ela *pensava* que não; Eleanor nunca olhava para ele.

Às vezes, olhava para os ténis dele. Ele tinha ténis fixes. Outras vezes olhava para ver o que é que ele estava a ler...

Era sempre banda desenhada.

Eleanor nunca levava nada para ler no autocarro. Não queria que Tina, nem qualquer outra pessoa, a apanhasse de cabeça curvada.

Park

Parecia-lhe mal sentar-se ao lado de alguém todos os dias e nunca falar com ela. Mesmo que ela fosse esquisita (caramba, e se era esquisita: hoje estava vestida como uma árvore de Natal, com montes de cenas presas à roupa, formas recortadas em tecido, fitas...). A viagem para casa parecia demorar séculos. Park estava sempre ansioso para se afastar dela, para se afastar de todos.

— Meu, que é do teu *dobak*?

Estava a tentar jantar sozinho no quarto, mas o irmão mais novo não o deixava em paz. Josh estava à porta, já completamente equipado para taekwondo e a cheirar uma perna de frango.

— O pai vai chegar daqui a nada, estás a ver — disse Josh com o espeto na boca —, e vai dar merda se não estiveres pronto.

A mãe apareceu atrás de Josh e deu-lhe um calduço.

— Nada de asneiras, desbocado. — Teve de se esticar toda para lhe dar o calduço. Josh saía mesmo ao pai; já tinha mais quinze centímetros do que a mãe — e quase mais dez do que Park.

O que era uma treta.

Park empurrou Josh para fora da porta e bateu com ela. Por enquan-

to, a estratégia de Park para manter o estatuto de irmão mais velho, apesar do diferencial de altura cada vez maior, era fingir que ainda podia dar uma abada a Josh.

Ainda podia dar-lhe uma abada em taekwondo — mas apenas porque Josh não tinha paciência para desportos em que a sua altura não constituísse uma vantagem óbvia. O treinador de futebol do secundário já ia assistir aos jogos da liga de juniores do Josh.

Park despiu-se e envergou o *dobak*, a pensar se não teria de começar em breve a usar roupa que já não servia ao irmão. Talvez pudesse pegar num marcador e, nas t-shirts de futebol da *Husker* que o Josh tinha, escrever Hüsker Dü. Ou talvez nem desse espiga nenhuma — Park até podia nem crescer mais de um metro e sessenta e cinco. A roupa que tinha agora até podia nunca deixar de lhe servir.

Calçou os *Chuck Taylors* e levou o jantar para a cozinha, para comer ao balcão. A mãe estava a tentar limpar molho do casaco branco de Josh com um pano húmido.

— Mindy?

Era assim que o pai de Park entrava em casa todas as noites, como o pai de uma série televisiva cómica (*Lucy?*), e a mãe bradava de onde quer que estivesse:

— Aqui dentro!

Só que ela dizia *Aqui dentlo!* porque, aparentemente, nunca ia deixar de falar como se tivesse chegado ontem da Coreia. Por vezes, Park achava que ela mantinha o sotaque de propósito, porque o pai gostava. Todavia, a mãe tentava integrar-se em todos os outros aspetos... Se conseguisse soar como uma rapariga criada ao virar da esquina, ela soaria de certeza.

O pai entrou na cozinha de supetão e pegou na mãe ao colo. Faziam aquilo todas as noites também. Na marmelada, descaradamente, à vista de toda a gente. Era como ver Paul Bunyan com uma daquelas bonecas do *It's a Small World*.

Park agarrou na manga do irmão.

— Anda lá, vamo-nos embora.

Podiam esperar dentro do *Impala*. O pai não tardaria a sair, assim que vestisse o seu *dobak* enorme.

Eleanor

Ainda não se tinha habituado a jantar tão cedo.

Quando é que começara aquilo? Na outra casa, comiam todos juntos, até Richie. Não era que Eleanor se queixasse de não ter de comer com Richie... Mas agora era como se a mãe os quisesse fora do caminho antes de ele chegar a casa.

Até os fazia comer um jantar diferente. Os miúdos comiam queijo derretido, Richie comia bife. Também não era que Eleanor se queixasse do queijo derretido — sempre variava da sopa de feijão, do feijão com arroz, dos *huevos y frijoles*...

Depois do jantar, Eleanor geralmente desaparecia para o seu quarto e ia ler, mas os pequenitos iam sempre para a rua. O que é que iriam fazer quando estivesse frio — e quando anoitecesse mais cedo? Iriam esconder-se todos no quarto? Era uma maluquice. Maluquice tipo *Diário de Anne Frank*.

Eleanor subiu para o beliche e pegou na caixa do papel de carta. O parvo do gato pardo estava a dormir na cama dela outra vez. Eleanor enxotou-o.

Abriu a caixa das toranjas e folheou o papel de carta. Fazia sempre tenções de escrever cartas às amigas da outra escola. Não conseguira despedir-se de ninguém quando se viera embora. A mãe aparecera de repente e tirara Eleanor da aulas, a dizer “Vai buscar as tuas coisas, vamos para casa”.

A mãe tinha sido tão feliz.

E Eleanor tinha sido tão feliz.

Tinham ido direitas à North para matricular Eleanor, e pararam no Burger King a caminho da casa nova. A mãe estava sempre a apertar a mão de Eleanor... Eleanor fingira não reparar nos hematomas que a mãe tinha no pulso.

A porta do quarto abriu-se e a irmã mais nova entrou, com o gato ao colo.

— A mamã quer que deixes a porta aberta — disse Maisie — para entrar o ar. — Todas as janelas da casa estavam abertas, mas parecia não correr brisa nenhuma. Com a porta aberta, Eleanor via Richie sentado no sofá. Chegou-se mais para baixo na cama até deixar de ver.

— O que é que estás a fazer? — perguntou Maisie.

— A escrever uma carta.

— A quem?

— Ainda não sei.

— Posso subir?

— Não. — De momento, Eleanor só queria manter a caixa a salvo. Não queria que Maisie visse os lápis de cor e o papel limpo. Mais, parte dela ainda queria castigar Maisie por se sentar ao colo de Richie.

Isso nunca teria acontecido antes.

Antes de Richie pôr Eleanor na rua, todos os miúdos estavam aliados contra ele. Talvez fosse Eleanor quem o detestava mais, e mais abertamente — mas estavam todos do lado dela, Ben e Maisie, até o Rato. O Rato roubava cigarros a Richie e escondia-os. E era o Rato que eles mandavam bater na porta do quarto da mãe quando ouviam as molas da cama...

Quando era pior do que as molas da cama, quando eram gritos ou choro, juntavam-se todos, os cinco, na cama de Eleanor (todos tinham cama própria na antiga casa).

Maisie sentava-se do lado direito de Eleanor nessa altura. Quando o Rato chorava, quando o rosto de Ben ficava impávido e sonhador, Maisie e Eleanor entreolhavam-se.

— Odeio-o — dizia Eleanor.

— Odeio-o tanto que o queria ver morto — dizia Maisie.

— Quem dera que ele caísse do escadote abaixo no trabalho.

— Quem dera que fosse atropelado por um camião.

— Um camião do lixo.

— Pois — dizia Maisie, a rilhar os dentes — e que o lixo caísse por cima do cadáver dele.

— E que depois um autocarro lhe passasse por cima.

— Pois.

— Quem me dera ir nesse autocarro.

Maisie pôs o gato na cama de Eleanor outra vez.

— Ele gosta de dormir aí em cima — disse ela.

— Tu também lhe chamas papá? — perguntou Eleanor.

— Ele agora é o nosso pai — respondeu Maisie.

...

Eleanor acordou a meio da noite. Richie adormecera na sala com a televisão ligada. Ela nem respirou a caminho da casa de banho e até teve medo de puxar o autoclismo. Quando voltou para o quarto, fechou a porta. Que se lixasse a brisa.

Park

— Vou convidar a Kim para sair comigo — disse Cal.

— Não convides a Kim — disse Park.

— Porque não? — Estavam sentados na biblioteca, e deviam estar à procura de poemas. Cal já escolhera qualquer coisa sobre uma miúda chamada Julia e a “liquefação da sua roupa” (“Nojento”, dissera Park. “Não pode ser nojento,” defendera Cal. “Tem trezentos anos”.)

— Porque é a Kim — disse Park. — Não a podes convidar para sair. Olha só para ela.

Kim estava sentada na mesa a seguir com mais duas miúdas arranjadinhas.

— Olha só para ela — disse Cal —, é uma betinha.

— Caramba — exclamou Park. — Pareces mesmo estúpido.

— O que foi? É uma cena. Ser betinha é uma cena.

— Mas aprendeste no *Thrasher* ou coisa assim, não foi?

— É assim que se aprendem palavras novas, Park. — Cal tamborilou num livro de poesia. — A ler.

— Estás a esforçar-te de mais.

— Ela é uma betinha — disse Cal, a apontar com a cabeça para Kim e a tirar um *Slim Jim* de dentro da mochila.

Park olhou para Kim outra vez. Tinha cabelo louro e franja enrola-

da, e era a única miúda na escola com um *Swatch*. Kim era daquelas pessoas que nunca andava desmazelada... Ela nunca faria sequer contacto visual com o Cal, pois teria medo que ele deixasse nódoa.

— Este é o meu ano — disse Cal. — Vou arranjar namorada.

— Mas provavelmente não a Kim.

— Porque não a Kim? Achas que tenho de me contentar com menos?

Park olhou para ele. Cal não era mal parecido. Tinha assim ar de Barney Rubble alto... Já tinha bocados de *Slim Jim* entalados nos dentes.

— Contenta-te com outra coisa.

— Que se lixe — disse Cal —, vou começar por cima. E também te vou arranjar miúda.

— Obrigadinho, mas não — disse Park.

— Namorar aos pares — disse Cal.

— Não.

— No *Impala*.

— Não fiques com esperanças. — O pai de Park decidira ser fascista quanto à carta de condução de Park; anunciara nessa noite que Park primeiro tinha de aprender a conduzir com mudanças. Park abriu outro livro de poesia. Era tudo sobre guerra. Fechou-o.

— Ora lá está uma miúda que ainda te quer comer um bocado — disse Cal. — Parece que tem a febre da selva.

— Esse racismo foi completamente ao lado — disse Park, a levantar a cabeça. Cal apontava com a cabeça para o outro canto da biblioteca. A miúda nova estava lá sentada, a olhar na direção deles.

— Ela é assim para o forte — disse Cal — mas o *Impala* é um automóvel espaçoso.

— Ela não está a olhar para mim. Está a olhar nesta direção, como costuma fazer. Vê. — Park acenou para a miúda, mas ela nem pestanejou.

Ele já fizera contacto visual com ela uma vez desde o primeiro dia no autocarro. Tinha sido na semana anterior, em História, e ela praticamente arrancara os olhos dele com os seus.

Se não quiseres que olhem para ti, pensara Park na altura, *não uses anzóis de pesca no cabelo*. A caixa das bijutarias dela devia parecer a gaveta da tralha. Não era que tudo o que ela usasse fosse uma estupidez...

Ela tinha um par de *Vans* de que ele gostava, com morangos. E tinha

um blazer de pele de tubarão verde que Park gostaria de usar se achasse que lhe ficava bem.

Acharia ela que lhe ficava bem?

Park preparava-se todas as manhãs antes de ela entrar no autocarro, mas nunca ninguém se podia preparar o suficiente para a ver.

— Tu conhece-la? — perguntou Cal.

— Não — respondeu logo Park. — Ela apanha o meu autocarro. É esquisita.

— A febre da selva é uma cena — disse Cal.

— Para os negros. Se gostares de negros. E não me parece que seja um elogio.

— A tua gente vem da selva — disse Cal, a apontar para Park. — *Apocalypse Now*, está bem?

— Devias convidar a Kim para sair — disse Park. — É mesmo boa ideia.

Eleanor

Eleanor não ia brigar por causa de um livro de E. E. Cummings como se fosse a última boneca Cabbage Patch. Encontrou uma mesa vaga na secção de Literatura Afro-Americana.

Era outra coisa fodida naquela escola — lixada, corrigiu ela.

A maioria dos miúdos era negra, mas a maioria dos miúdos nas turmas do quadro de honra dela era branca. Vinham de camioneta do oeste de Omaha. Os miúdos brancos dos Flats, alunos sem honra, vinham de camioneta da outra direção.

Eleanor desejou estar em mais turmas do quadro de honra. Desejou que houvesse quadro de honra para ginástica...

Como se alguma vez a deixassem entrar para o quadro de honra da ginástica. Primeiro punham-na em explicações de ginástica. Com todas as outras gordas que não conseguiam fazer abdominais.

Seja como for. Os alunos do quadro de honra — pretos, brancos, ou da Ásia Menor — costumavam ser mais simpáticos. Talvez fossem igualmente maus por dentro, mas tinham pavor de arranjar sarilhos. Ou talvez fossem igualmente maus por dentro, mas estivessem treinados para serem bem-educados — para dar o lugar aos velhotes e às raparigas.

Eleanor tinha turma de Inglês, História e Geografia do quadro de honra, mas passava o resto do dia na Malucalândia. A sério, *Sementes de Violência*. Provavelmente, devia esforçar-se mais nas aulas espertas para não a despejarem de nenhuma.

Começou a copiar um poema chamado “Pássaro na Gaiola” no caderno... Ótimo. E rimava.

Park

Ela estava a ler a banda desenhada dele.

Ao princípio, Park achou que era imaginação sua. Estava sempre com a sensação de que ela estava a olhar para ele mas, sempre que olhava na direção dela, o rosto estava virado para baixo.

Finalmente apercebeu-se de que ela olhava para o colo dele. Não era malandrice. Ela estava a olhar para a banda desenhada — ele via-lhe os olhos a mexerem.

Park não sabia que uma pessoa ruiva podia ter olhos castanhos (não sabia que se podia ter o cabelo daquela cor *encarnada*, nem pele tão branca). Os olhos da miúda nova eram mais escuros do que os da mãe dele, mesmo escuros, quase como buracos no rosto dela.

Dito assim, parecia mau aspeto, mas não era. Até podia muito bem ser o melhor aspeto que ela tinha. Fazia lembrar a Park a maneira como os artistas desenhavam Jean Grey por vezes, quando ela usava a telepatia, com os olhos todos pretos e extraterrestres.

Hoje a miúda trajava uma camisa de homem enorme com conchas do mar. O colarinho devia ter sido mesmo grande, grande ao estilo *disco*, porque ela o cortara e deixara esgarçar. Tinha uma gravata de homem a atar o rabo de cavalo como uma enorme fita de poliéster. Ficava ridícula.

E estava a olhar para a banda desenhada dele.

Park sentiu que lhe devia dizer alguma coisa. Sentia sempre que lhe devia dizer *qualquer coisa*, nem que fosse apenas olá ou com licença. Mas já passara muito tempo sem dizer nada desde a primeira vez em que lhe dissera um palavrão, e agora era tudo irrevogavelmente esquisito. Durante *uma hora* por dia. Trinta minutos a caminho da escola e trinta minutos de regresso a casa.

Park não disse nada. Abriu mais o álbum de banda desenhada e viu as páginas mais devagar.

Eleanor

A mãe parecia cansada quando Eleanor chegou a casa. Mais cansada do que de costume. Gasta e a esboroar-se nas pontas.

Quando os miúdos entraram de rompante depois das aulas, a mãe perdeu a paciência por causa de uma estupidez qualquer — Ben e Rato a brigarem por um brinquedo — e pô-los a todos porta fora pelas traseiras, Eleanor incluída.

Eleanor ficou em tal sobressalto por estar na rua que até parou no degrau a mirar a cadela Rottweiler de Richie. Ele pusera o nome da ex-mulher à cadela, Tonya. Era para ser uma verdadeira devoradora de homens — a cadela Tonya — mas Eleanor nunca a vira mais do que meio acordada.

Eleanor tentou bater à porta.

— Mamã! Deixa-me entrar. Ainda nem sequer tomei banho.

Ela costumava tomar banho logo depois das aulas, antes de Richie chegar a casa. Era um grande stresse não ter porta na casa de banho, especialmente desde que alguém rasgara a cortina.

A mãe não lhe ligou.

Os miúdos já estavam no parque infantil. A casa nova ficava mesmo ao lado da escola básica — a escola onde andavam o Ben, o Rato e a Maisie — e o parque ficava além do quintal deles.

Eleanor não sabia que mais fazer; foi até onde podia ver Ben, ao pé dos baloiços, e sentou-se num deles. Estava finalmente tempo para blusões. Eleanor desejou ter um blusão.

— O que é que vocês hão de fazer quando estiver frio de mais para andar na rua? — perguntou ela ao Ben.

Ele estava a tirar carrinhos dos bolsos e a alinhá-los na terra batida.

— O ano passado — disse ele — o pai fazia-nos ir para a cama às sete e meia.

— Caramba. Também tu? Porque é que o tratam assim? — Ela tentou não soar irritada. Ben encolheu os ombros.

— Deve ser porque ele se casou com a mamã.

— Pois sim, mas — Eleanor passou as mãos pelas correntes do baioço, para cima e para baixo, e depois cheirou-as — nós nunca o tratávamos por pai. Tu sentes que ele é teu pai?

— Não sei — respondeu Ben. — Como é que é sentir isso?

Ela não respondeu, e ele voltou a alinhar os carrinhos. Estava a precisar de cortar o cabelo: as melenas louras-escuras já quase lhe chegavam ao colarinho. Tinha vestida uma antiga t-shirt de Eleanor e um par de calças de bombazina de que a mãe fizera calções. Era quase crescido de mais para aquilo tudo, para carros e parques — onze anos. Os outros rapazes da idade dele jogavam basquete à noite ou andavam em grupos à beira do parque infantil. Eleanor rezou para que Ben demorasse a crescer. Não havia espaço naquela casa para ser adolescente.

— Ele gosta quando lhe chamamos pai — disse Ben, ainda a alinhar os carrinhos.

Eleanor olhou para o parque. O Rato brincava com um monte de miúdos que tinham uma bola de futebol. Maisie devia ter levado o bebé algures com as amigas...

Costumava ser a Eleanor que impingiam sempre o bebé. Nem se importaria de tomar conta dele agora — assim teria de fazer — mas Maisie não queria a ajuda de Eleanor.

— Como é que foi? — perguntou Ben.

— Como é que foi o quê?

— Viver com aquela gente.

O Sol estava cerca de dois centímetros acima do horizonte, e Eleanor olhou bem para ele.

— Normal — disse ela. Péssimo. Solitário. *Melhor do que aqui.*

— Havia mais miúdos?

— Havia. Miúdos muito pequeninos. Três.

— Tinhas o teu próprio quarto?

— Mais ou menos. — Em rigor, ela não tinha tido de dividir a sala dos Hickman com ninguém.

— Eram simpáticos? — perguntou ele.

— Eram... eram. Eram simpáticos. Não eram simpáticos como tu.

Os Hickman tinham começado por ser simpáticos. Depois fartaram-se.

Era para Eleanor só ficar com eles uns dias, talvez uma semana. Só até Richie acalmar e a deixar voltar para casa.

— Vai ser como uma festa do pijama — dissera a Sr.^a Hickman para Eleanor na primeira noite em que abria o sofá. A Sr.^a Hickman — Tammy — conhecia a mãe de Eleanor dos tempos de liceu. Havia uma fotografia do casamento dos Hickman por cima da televisão. A mãe de Eleanor tinha sido dama de honor — num vestido verde-escuro, com uma flor branca no cabelo.

Ao princípio, a mãe ligava para Eleanor em casa dos Hickman quase todos os dias depois das aulas. Passados uns meses, as chamadas acabaram. Afinal Richie não pagara a conta do telefone, e tinha sido desligado. Porém, Eleanor demorou algum tempo a descobrir isso.

— Devíamos ligar para a assistente social — estava sempre o Sr. Hickman a dizer à esposa. Achavam que Eleanor não os ouvia, mas o quarto deles ficava diretamente por cima da sala. — Isto não pode continuar, Tammy.

— Andy, a culpa não é dela.

— Não digo que a culpa seja dela, só digo que o combinado não era isto.

— Ela não dá trabalho nenhum.

— Ela não é nossa.

Eleanor tentou dar ainda menos trabalho. Treinou estar numa divisão sem deixar pistas da sua presença. Nunca acendia a televisão nem pedia para fazer chamadas. Nunca pedia segunda dose ao jantar. Nunca pedia nada à Tammy nem ao Sr. Hickman — e eles não tinham filhos adolescentes, não lhes passava pela cabeça que ela precisasse de alguma coisa. Era um alívio não saberem quando é que ela fazia anos...

— Pensámos que tinhas desaparecido — disse Ben, a empurrar um carrinho dentro da terra. Estava com cara de quem fazia um grande esforço para não chorar.

— Ó gente de pouca fé — disse Eleanor, a dar aos pés para andar de baloiço.

Os olhos tornaram a procurar Maisie e encontraram-na sentada perto de onde os miúdos mais velhos estavam a jogar basquete. Eleanor reconhecia a maioria dos miúdos do autocarro. O estúpido do miúdo asiático também lá estava, a saltar mais alto do que ela imaginava que ele conseguiria. Tinha calções compridos pretos e uma t-shirt a dizer MADNESS.

— Vou-me embora — disse Eleanor para Ben, a sair do baloiço e a carregar-lhe no alto da cabeça. — Mas não vou desaparecer nem nada, não fiques todo tremeliques.

Entrou novamente em casa e passou pela cozinha de rajada antes que a mãe pudesse dizer alguma coisa. Richie estava na sala. Eleanor passou entre ele e a televisão, a olhar em frente. Desejou ter um blusão.

Park

Ele ia dizer-lhe que ela se tinha saído bem com o poema.

Seria um eufemismo enorme, fosse como fosse. Ela era a única pessoa na turma que tinha lido o poema como se não fosse uma trabalhadora. Declamou-o como se fosse uma coisa viva. Como uma coisa que ela desabafasse. Não se conseguia despregar os olhos dela enquanto ela falava (ainda mais do que o costume de Park não conseguir tirar os olhos dela). Quando terminou, houve muita gente a bater palmas e o Prof. Stessman abraçou-a. O que era completamente contra o Código de Conduta.

Olá. Boa malha. A Inglês. Era o que Park ia dizer.

Ou talvez, Ando na tua turma de Inglês. O poema que tu leste foi fixe.

Ou, Tens o Prof. Stessman, não tens? Pois, bem me parecia.

Park pegou nos álbuns de banda desenhada depois da aula de taekwondo de quarta-feira à noite, mas esperou até quinta-feira de manhã para os ler.

Eleanor

O estúpido do miúdo asiático sabia perfeitamente que ela lhe lia a banda

desenhada. Até olhou para Eleanor algumas vezes antes de virar a página, como se fosse assim *tão bem-educado*.

Decididamente, ele não era um dos demónios do autocarro. Não falava com ninguém dentro do autocarro (muito menos com ela). Porém, nalguma coisa devia dar-se com eles porque, quando Eleanor estava sentada ao seu lado, eles todos a deixavam em paz. Até a Tina. Fazia com que Eleanor desejasse estar sentada ao lado dele o dia todo.

Naquela manhã, quando ela entrou para o autocarro, até parecia que ele estava à espera dela. Tinha nas mãos um álbum chamado *Watchmen* e parecia tão feio que Eleanor decidiu nem se ralar em espreitar. Ou cuscar. Não interessava.

(Ela gostava mais quando ele lia os *X-Men*, embora não apanhasse bem tudo o que lá se passava; os *X-Men* eram piores do que uma telenovela. Eleanor demorou umas semanas a perceber que Scott Summers e Cyclops eram o mesmo tipo, e ainda não sabia bem o que se passava com Phoenix.)

Ora, Eleanor não tinha mais nada para fazer, pelo que os olhos vagueavam até à banda desenhada feia... E depois punham-se a ler. E depois eles chegavam à escola. O que era esquisitíssimo porque nem sequer iam a meio do álbum.

O que era uma real tretá porque significava que ele iria ler o resto do álbum nas aulas, e ter qualquer coisa parva tipo *Rom* no regresso a casa.

Só que não leu.

Quando Eleanor entrou para o autocarro nessa tarde, o miúdo asiático abriu os *Watchmen* exatamente onde eles tinham ficado.

Ainda estavam a ler quando chegaram à paragem de Eleanor — havia tanta coisa a acontecer, ambos olhavam para cada vinheta, tipo, minutos inteiros — quando ela se levantou para sair e ele lhe passou o álbum.

Eleanor ficou tão admirada que tentou devolvê-lo, mas ele já se tinha virado para a janela. Ela meteu o álbum entre os livros da escola como se fosse um segredo, e saiu do autocarro.

Leu-o mais três vezes essa noite, deitada no beliche de cima, a fazer festas ao gato velho e feio. Depois guardou-o na caixa das toranjas, para que nada lhe pudesse acontecer.

Park

E se ela não lho devolvesse?

E se ele não conseguisse terminar a primeira edição dos *Watchmen* porque o emprestara a uma miúda que não o pedira e que, provavelmente, nem sequer sabia quem era Alan Moore?

Se ela não lho devolvesse, ficariam quites. Isso saldaria toda a situação de a mandar sentar, “foda-se”.

Caramba... Não, não saldaria nada.

E se ela lho devolvesse *sim*? O que é que ele ia dizer? Obrigado?

Eleanor

Quando chegou ao lugar dela, ele estava a olhar pela janela. Ela passou-lhe o álbum, e ele aceitou.

Eleanor

Na manhã seguinte, quando Eleanor entrou no autocarro, havia uma pilha de álbuns no seu lugar.

Ela pegou neles e sentou-se. Ele já estava a ler.

Eleanor pôs os álbuns entre os livros da escola e olhou pela janela. Por qualquer razão, não queria ler à frente dele. Seria como deixá-lo vê-la a comer. Seria como... admitir alguma coisa.

Contudo, pensou nos álbuns o dia inteiro e, assim que chegou a casa, subiu para o beliche e tirou-os todos da mochila. Todos tinham o mesmo título — *Swamp Thing*.

Eleanor comeu o jantar sentada à chinesa na cama, com todo o cuidado para não entornar nada em cima dos álbuns, porque cada um deles estava em ótimo estado; nem sequer havia um canto dobrado (estúpido do miúdo asiático perfeito).

Nessa noite, depois de os irmãos e a irmã adormecerem, Eleanor acendeu outra vez a luz para ler. Eles eram os adormecidos mais barulhentos de sempre. Ben falava a dormir, e Maisie e o bebé ressonavam. O Rato fazia chichi na cama — o que não fazia barulho, mas ainda trans-tornava a paz envolvente. Mesmo assim, parecia que a luz não os incomodava.

Eleanor tinha vagamente noção de que Richie estava a ver televisão na sala ao lado, e praticamente caiu da cama abaixo quando ele escancarou a porta do quarto dela. Estava com ar de quem esperava apanhar malandricas ao meio da noite mas, quando viu que era só a Eleanor e que ela só estava a ler, grunhiu e mandou-a apagar a luz para os miúdos poderem dormir.

Depois de ele fechar a porta, Eleanor levantou-se e apagou a luz (agora já conseguia sair da cama sem pisar ninguém, o que era uma sorte, pois era a primeira a levantar-se de manhã).

Até podia ter-se safado a deixar a luz acesa, mas não valia a pena correr esse risco. Ela não queria ter de olhar para Richie outra vez.

Ele parecia exatamente uma ratazana. Como se fosse a versão humana de uma ratazana. Como o vilão num filme de Don Bluth. Sabia-se lá o que a mãe tinha visto nele; o pai de Eleanor também tinha mau aspeto.

Muito *raramente* — quando Richie conseguia tomar banho, vestir roupa boa e manter-se sóbrio, tudo no mesmo dia —, Eleanor via *mais ou menos* porque é que a mãe poderia tê-lo achado bem-parecido. Graças ao Senhor que isso não acontecia com frequência. Quando acontecia, Eleanor tinha vontade de ir à casa de banho enfiar um dedo na garganta.

Seja como for. Não interessava. Ela ainda conseguia ler. Entrava pela janela luminosidade suficiente.

Park

Ela lia as cenas com a mesma rapidez com que ele lhas entregava e, quando lhas passava na manhã seguinte, era sempre como se lhe confiasse algo frágil. Algo precioso. Nem sequer se dava por ela tocar nos álbuns, se não fosse o aroma.

Todos os livros que Park lhe emprestava voltavam a cheirar a perfume. Não era o perfume que a mãe dele usava (*Imari*). Não era da miúda nova, pois ela cheirava a baunilha.

Mas ela fazia com que os álbuns dele cheirassem a rosas. Um campo inteiro delas.

Ela lera todos os Alan Moore em menos de três semanas. Agora ele dava-lhe álbuns X, cinco de cada vez, e via-se que ela gostava porque es-

crevia os nomes das personagens nos livros dela, entre nomes de bandas e letras de canções.

Continuavam sem conversar no autocarro, mas já era um silêncio menos agressivo. Quase amistoso (mas nem por isso).

Park *teria* de falar com ela hoje — dizer-lhe que não tinha nada para lhe emprestar. Deixara-se dormir, esquecera-se de pegar na pilha de álbuns que reservara para ela nessa noite. Nem sequer tivera tempo de tomar o pequeno-almoço ou de lavar os dentes, o que o deixava envergonhado, sabendo que estaria sentado tão perto dela.

Porém, quando ela entrou no autocarro e lhe entregou os álbuns do dia anterior, Park só conseguiu encolher os ombros. Ela desviou o olhar. Ficaram os dois a olhar para baixo.

Lá estava ela com a gravata feia outra vez. Hoje amarrara-a a um pulso. Os braços e pulsos tinham sardas, camadas delas em tons de ouro e cor-de-rosa, mesmo nas costas das mãos. Mãos de rapazinho, como diria a mãe dele, com unhas curtas e cutículas estragadas.

Ela olhou para os livros que tinha no colo. Talvez pensasse que ele estava zangado com ela. Ele também olhou para os livros dela — cobertos de tinta e rabiscos Art Nouveau.

— Então — disse ele, antes de saber o que ia dizer a seguir. — Tu gostas dos Smiths? — Teve o cuidado de não exalar o hálito matinal para cima dela.

Ela levantou a cabeça, admirada. Talvez confusa. Ele apontou para o livro dela, onde estava escrito *How Soon Is Now?* em letras altas e verdes.

— Não sei — respondeu ela. — Nunca ouvi.

— Então só queres que *pensem* que gostas dos Smiths? — Ele não conseguiu evitar o desdém na voz.

— Pois — respondeu ela, a olhar em redor. — Estou a tentar impressionar os nativos.

Ele não sabia se ela era mesmo assim, se não conseguia deixar de se armar em espertalhona, mas não estava a esforçar-se nada. O ar entre eles azedou. Park virou-se para a parede. Ela virou-se para o outro lado de modo a olhar pela janela.

Quando ele chegou a Inglês, tentou fitá-la, mas ela desviou o olhar. Sentiu que ela estava a esforçar-se tanto por ignorá-lo que nem participaria na aula.

O Prof. Stessman esteve sempre a tentar incentivá-la — ela era o

novo alvo favorito sempre que as coisas ficavam mortas na aula. Hoje era para falarem de *Romeu e Julieta*, mas ninguém queria dizer nada.

— A Menina Douglas não parece transtornada pelas mortes deles.

— Como? — retorquiu ela, a mirá-lo de olhos semicerrados.

— Não lhe parece triste? — perguntou o Prof. Stessman. — Dois jovens que morrem. *Nunca houve história mais desgostosa*. Isto não a comove?

— Acho que não — respondeu ela.

— É assim tão fria? Tão fria? — Ele estava perto da carteira dela, a fingir-se suplicante.

— Não... — respondeu ela. — Só não me parece uma tragédia.

— É a tragédia por excelência — disse o Prof. Stessman.

Ela revirou os olhos. Tinha dois ou três colares ao pescoço, pérolas falsas velhas, como as que a avó de Park levava à missa, e mexia-lhes enquanto falava.

— Mas é tão óbvio que ele está a gozar com eles.

— Quem?

— Shakespeare.

— Ai sim?

Ela tornou a revirar os olhos. Já sabia os truques do Prof. Stessman.

— Romeu e Julieta são apenas dois miúdos ricos que sempre tiveram tudo o que quiseram. Agora, *acham* que se querem um ao outro.

— Estão apaixonados... — disse o Prof. Stessman, as mãos no coração.

— Nem sequer se conhecem — disse ela.

— Foi amor à primeira vista.

— Foi, “Oh, meu Deus, ele é tão giro” à primeira vista. Se Shakespeare quisesse que pensássemos que estavam apaixonados, não nos diria praticamente na primeira cena que Romeu estava embeijado por Rosalina... É Shakespeare a gozar com o amor — rematou ela.

— Então porque é que perdura?

— Não sei, porque Shakespeare é mesmo bom escritor?

— Não! — exclamou o Prof. Stessman. — Outro, vá, alguém com coração. Sr. Sheridan, o que tem a bater-lhe no peito? Conte lá, porque é que *Romeu e Julieta* perdura há quatrocentos anos?

Park detestava falar nas aulas. Eleanor fez-lhe má cara e depois desviou o olhar. Park sentiu-se corar.

— Porque... — começou ele baixinho, a olhar para a carteira. — Porque as pessoas querem lembrar-se de como é ser jovem? E apaixonado? O Prof. Stessman encostou-se ao quadro e cofiou a barba.

— É assim? — perguntou Park.

— Oh, é assim de certezinha — respondeu o Prof. Stessman. — Não sei se é por isso que *Romeu e Julieta* passou a ser a peça de teatro mais querida de todos os tempos, mas sim, Sr. Sheridan, isso é uma grande verdade.

Ela não ligou nenhuma a Park na aula de História, mas também nunca ligava.

Quando ele entrou no autocarro nessa tarde, ela já lá estava. Levantou-se e deixou-o passar para a janela, e depois surpreendeu-o quando falou. Baixinho. Quase a sussurrar, mas a conversar.

— É uma espécie de lista de desejos — disse ela.

— O quê?

— São canções que eu gostava de ouvir. Ou bandas que eu gostava de ouvir. Cenas que parecem interessantes.

— Se nunca ouviste os Smiths, como é que sabes deles?

— Sei lá — respondeu ela, na defensiva. — Os meus amigos, os meus amigos de antigamente... revistas. Sei lá. Por aí.

— Porque é que não ouves então?

Ela olhou para ele como se ele fosse oficialmente idiota.

— Não é que passem Smiths na Sweet 98.

Nisto, como Park não dizia nada, ela revirou os olhos castanhos líquidos.

— *Caramba* — exclamou.

Não falaram mais no caminho para casa.

Nessa noite, enquanto fazia os trabalhos de casa, Park gravou uma cassette com todas as suas canções preferidas dos Smiths, mais umas canções dos Echo & the Bunnymen e Joy Division.

Guardou a cassette e mais cinco álbuns X na mochila antes de se ir deitar.

Eleanor

— Porque é que estás tão calada? — perguntou a mãe de Eleanor. Estava a tomar banho, e a mãe fazia sopa de feijão de pacote, daquelas com quinze tipos de feijão. — Dá três feijões para cada um — gracejara Ben para Eleanor um pouco antes.

— Não estou calada. Estou a tomar banho.

— Geralmente cantas no banho.

— Não canto *nada* — disse Eleanor.

— Cantas, pois. Geralmente cantas “Rocky Raccoon”.

— *Caramba*. Bem, obrigadinha por me dizeres, já não canto mais. Caramba.

Eleanor despachou-se a vestir e tentou passar pela mãe, que a agarrou pelos pulsos.

— Eu gosto de te ouvir cantar — disse ela. Depois pegou num frasco no balcão atrás de Eleanor e esfregou uma gota de baunilha atrás das orelhas da miúda. Eleanor mexeu os ombros como se lhe fizesse cócegas.

— Porque é que fazes sempre isso? Fico a cheirar àquelas bonecas Docinho de Morango.

— Eu faço — respondeu a mãe — porque é mais barato do que per-

fume mas cheira igualmente bem. — Depois ela esfregou baunilha atrás das próprias orelhas e riu-se.

Eleanor riu-se com ela, e ficou ali uns segundos, a sorrir. A mãe tinha calças de ganga velhas e macias e uma t-shirt, e o cabelo apanhado num rabo de cavalo. Estava quase com o mesmo aspeto de antigamente. Havia uma fotografia dela — numa das festas de anos da Maisie, a servir cones de gelado — com um rabo de cavalo igualzinho.

— Tu estás bem? — perguntou a mãe.

— Estou... — respondeu Eleanor. — Estou cansada. Vou fazer os trabalhos de casa e deitar-me. — A mãe parecia saber que alguma coisa estava mal, mas não insistiu. Dantes, levava Eleanor a contar-lhe tudo. *O que é que se passa aí dentro?*, perguntava ela, a tamborilar no alto da cabeça dela. *Estás a ficar doidinha?* A mãe não dissera nada do género desde que Eleanor se tinha mudado para lá. Parecia ter-se apercebido de que perdera o direito de tamborilar.

Eleanor subiu para o beliche e empurrou o gato para a outra ponta. Não tinha nada para ler. Nada de novo, enfim. Será que ele não lhe ia trazer mais álbuns? Porque é que começara sequer? Ela passou os dedos pelos títulos embaraçosos das canções — “This Charming Man” e “How Soon Is Now?” — no livro de Matemática. Apetecia-lhe riscá-los, mas o mais certo era ele reparar e dar-lhe na cabeça.

Eleanor estava mesmo cansada; não era mentira. Quase todas as noites ficava acordada até tarde, a ler. Adormeceu nessa noite logo a seguir ao jantar.

Acordou com a gritaria. Richie a berrar. Eleanor não percebia o que ele estava a dizer.

Por baixo dos berros, a mãe chorava. Parecia que chorava há já muito tempo — devia estar completamente desesperada para os deixar ouvi-la chorar daquela maneira.

Eleanor viu que toda a gente já estava acordada dentro do quarto. Debruçou-se no beliche até lobrigar os vultos dos pequenitos no escuro. Estavam os quatro sentados num monte de mantas no chão. Maisie tinha o bebé ao colo e embalava-o quase num frenesim. Eleanor desceu da cama sem ruído e foi sentar-se com eles. O Rato subiu-lhe imediatamente para o colo. Estava a tremer e todo molhado, e abraçou-se a ela de

pernas e braços como um macaquinho. A mãe gritou, duas divisões mais além, e foi um sobressalto para todos.

Se aquilo tivesse acontecido há dois verões, Eleanor teria lá ido bater à porta deles. Teria mandado Richie parar, aos berros. Teria ligado para a polícia, no mínimo dos mínimos. Porém, agora isso parecia coisa de criança, ou de gente tonta. Agora, ela só conseguia pensar no que iriam fazer se o bebé desatasse mesmo a chorar. Graças a Deus que não. Até ele parecia compreender que tentar travar aquilo só iria piorar as coisas.

Quando o despertador tocou nessa manhã, Eleanor não se lembrava de ter adormecido. Não se lembrava de quando é que o choro tinha parado.

Ocorreu-lhe uma ideia horrível e levantou-se, a tropeçar em miúdos e mantas. Abriu a porta do quarto e cheirou-lhe a bacon.

Ou seja, a mãe estava viva.

O padraсто ainda estaria a tomar o pequeno-almoço.

Eleanor respirou fundo. Cheirava a chichi. *Caramba*. A roupa mais lavada que ela tinha era a de ontem, coisa que Tina não deixaria de apontar, porque era dia da maldita ginástica, como se não bastasse.

Agarrou na roupa e saiu a passo firme para a sala, decidida a não olhar para Richie se ele lá estivesse. Estava (*aquele demónio, aquele sacana*). A mãe encontrava-se ao fogão, mais quieta do que de costume. Era impossível não reparar na nódoa negra que ela tinha de lado na cara. Nem no chupão por baixo do queixo (*aquele cabrão, aquele cabrão, aquele cabrão*).

— Mãe — sussurrou Eleanor em tom urgente. — Tenho de me lavar. Os olhos da mãe focaram-na lentamente.

— O quê?

Eleanor apontou para a roupa, que provavelmente parecia apenas amarrotada.

— Dormi no chão com o Rato.

A mãe lançou uma olhadela nervosa à sala; Richie poria o Rato de castigo se soubesse.

— Está bem, está bem — disse ela, a empurrar Eleanor para a casa de banho. — Dá cá a roupa, eu vigio a porta. Não deixes que lhe cheire. Era só o que me faltava esta manhã.

Como se tivesse sido Eleanor a fazer chichi em cima de tudo.

Lavou a parte de cima do corpo, e depois a parte de baixo, para nunca ficar completamente nua. Depois passou outra vez pela sala, com a roupa do dia anterior, a tentar muitíssimo não cheirar a chichi.

Os livros estavam no quarto, mas Eleanor não queria abrir a porta nem deixar sair mais cheiro a urina — e foi-se embora assim.

Chegou à paragem do autocarro quinze minutos antes. Ainda se sentia desalinhada e receosa e, graças ao bacon, com a barriga a dar horas.

Park

Quando Park entrou no autocarro, pôs os álbuns e a cassette dos Smiths no lugar ao lado dele para ficarem à espera dela. Para ele não ter de dizer nada.

Quando ela entrou no autocarro minutos depois, Park viu logo que alguma coisa estava mal. Ela parecia perdida e tresmalhada. Tinha a mesma roupa do dia anterior — o que não era assim *tão* esquisito, pois ela usava sempre uma versão diferente da mesma coisa — mas hoje era diferente. O pescoço e os pulsos sem adereços, o cabelo numa lástima — uma pilha, uma massa de caracóis ruivos.

Ela parou no assento deles e olhou para a pilha de cenas que ele lá deixara (onde é que estavam os livros da escola dela?). Depois pegou em tudo cuidadosamente, como sempre, e sentou-se.

Park queria olhar para a cara dela, mas não conseguia. Em contrapartida, olhou-lhe para os pulsos. Ela pegou na cassette. Ele tinha escrito *How Soon Is Now e mais* na fina lombada branca.

Ela estendeu-lhe a cassette.

— Obrigada... — disse ela. Ora *lá* estava uma coisa que ele nunca lhe ouvira dizer. — Mas não posso.

Ele não lhe pegou.

— É para ti, toma — sussurrou ele. Desviou o olhar das mãos dela para o queixo encolhido.

— Não — disse ela —, quer dizer, obrigada, mas... não posso. — Tentou outra vez dar-lhe a cassette, mas ele continuou sem aceitar. Porque é que ela tinha de dificultar tanto as coisas?

— Não quero — disse ele.

Ela rilhou os dentes e fez má cara. Devia odiá-lo mesmo.

— Não — disse ela, praticamente para toda a gente ouvir. — Quer dizer que não *posso*. Não tenho como ouvi-la. *Caramba*, aceita lá.

Ele aceitou. Ela tapou a cara com as mãos. O miúdo no lugar do outro lado deles, um palerma dum sénior qualquer que até se chamava Junior, olhava para eles.

Park fez má cara para Junior até este deixar de olhar. Depois Park virou-se para a miúda...

Tirou o *Walkman* do bolso da gabardina e ejetou a cassette dos Dead Kennedys. Insetiu a nova cassette, carregou em Play e depois — com todo o cuidado — pôs os auscultadores por cima do cabelo dela. Teve tanto cuidado que nem sequer lhe tocou.

Ouviu a guitarra a começar e depois o primeiro verso da canção: “*I am the son... and the heir...*”

Ela levantou um pouco a cabeça mas não olhou para ele. Não tirou as mãos da cara.

Quando chegaram à escola, ela tirou os auscultadores e devolveu-lhos.

Saíram do autocarro juntos e ficaram juntos. Era esquisito. Geralmente, separavam-se assim que chegavam ao passeio. Era isso que parecia esquisito agora, pensou Park; seguiam o mesmo caminho todos os dias, o cacifo dela ficava ao fundo do corredor do dele — como é que conseguiam fazer caminhos diferentes todas as manhãs?

Park parou um minuto quando chegaram ao cacifo dela. Não se aproximou, mas parou. Ela parou também.

— Bem — disse ele, a olhar para o fundo do corredor —, agora já ouviste os Smiths.

E ela...

Eleanor riu-se.

Eleanor

Ela devia ter aceitado a cassette e pronto.

Não precisava nada de contar a toda a gente o que tinha e não tinha. Não precisava de contar nada a miúdos asiáticos esquisitos.

Miúdo asiático esquisito.

Ela tinha quase a certeza que ele era asiático, mas não era evidente. Ele tinha olhos verdes. E pele da cor do Sol filtrado por mel.

Talvez fosse filipino. Ficaria na Ásia? Provavelmente. A Ásia era um desatino de tão grande.

Eleanor só conhecera uma pessoa asiática na vida — Paul, da turma de Matemática na antiga escola. Paul era chinês. Os pais tinham vindo para o Omaha para fugirem ao governo chinês (parecia uma escolha radical, como se tivessem olhado para o globo terrestre e dito, “Pois, é o mais longe possível”).

Fora Paul quem ensinara a Eleanor que se diz *asiático* e não *oriental*.

— Oriental é a comida — dissera ele.

— Não interessa, La Choy Boy — dissera ela.

Seja como for, Eleanor não conseguia conceber como é que uma pessoa asiática vivia nos Flats. Toda a gente ali era seriamente branca. Tipo, branca por escolha. Eleanor nem nunca ouvira chamar *Nigger* a ninguém antes de ir viver para ali, mas os miúdos no autocarro empregavam o termo como se não houvesse outra maneira de indicar que alguém era preto. Como se não houvesse outra palavra ou expressão que servisse.

Eleanor não proferia o termo *Nigger*, nem sequer na sua cabeça. Já bastava que, graças à influência de Richie, ela passasse a vida a chamar mentalmente “cabrão” a toda a gente que conhecia (oh, que ironia).

Havia mais três ou quatro miúdos asiáticos na escola. Primos. Um deles tinha feito um trabalho sobre ser refugiado do Laos.

E depois havia O dos Olhos Verdes.

A quem aparentemente ela ia contar a história da sua vida. Talvez a caminho de casa ela lhe contasse que não tinha telefone, nem máquina de lavar roupa, nem escova de dentes.

Essa última coisa, ela andava a pensar em contar à conselheira. A Prof.^a Dunne tinha mandado Eleanor sentar-se no primeiro dia de aulas e feito um pequeno discurso sobre o facto de Eleanor lhe poder contar

qualquer coisa. Durante o discurso, ela estava sempre a apertar a parte mais gorda do braço de Eleanor.

Se Eleanor contasse *tudo* à Prof.^a Dunne — sobre Richie, a mãe, tudo —, Eleanor não sabia o que poderia acontecer.

Ora, se contasse à Prof.^a Dunne da escova de dentes... talvez ela lhe arranjasse uma. Assim Eleanor deixaria de se esgueirar para a casa de banho depois do almoço para esfregar os dentes com sal (tinha visto num filme de cowboys; provavelmente nem servia de nada).

Deu o toque — 10:12.

Faltavam mais duas horas até Inglês. Será que ele falaria com ela na aula? Se calhar era isso que eles faziam agora, falar.

Ela ainda ouvia aquela voz dentro da cabeça — não era a dele —, a do cantor. Dos Smiths. Ouvia-se-lhe o sotaque, mesmo quando ele cantava. Era como se ele estivesse a chorar.

I am the sun...

And the air...

Eleanor ao princípio não reparou que ninguém estava a ser horrosa na ginástica (ela ainda tinha a cabeça no autocarro). Hoje era dia de voleibol, e Tina disse uma vez, “Serves tu, cabra,” mas mais nada, o que era praticamente brincadeira, vindo de Tina.

Quando Eleanor chegou ao vestiário, percebeu porque é que Tina estivera tão mansa; estava só à espera. Tina e as amigas — e as negras também, ninguém queria perder pitada — estavam no fim da fila de Eleanor, à espera que ela passasse para o cacifo.

Estava coberto de pensos higiénicos. Uma caixa inteira, parecia.

Ao princípio, Eleanor achou que os pensos tinham mesmo sangue, mas quando se aproximou, viu que era apenas marcador vermelho. Alguém tinha escrito *Cabeça de Trapos e Ruiva Gorda* noutros pensos mas, como eram dos mais caros, a tinta já estava a ser absorvida.

Se Eleanor não tivesse a roupa naquele cacifo, se ela tivesse vestida outra coisa que não fosse o fato de treino, ter-se-ia ido embora.

Pelo contrário, passou pelas miúdas, com o queixo o mais alto que pôde, e tirou metodicamente os pensos do cacifo. Até havia alguns lá dentro, colados à roupa.

Eleanor chorou um bocadinho, não podia evitar, mas continuou de

costas viradas para não dar espetáculo. Acabou tudo em poucos minutos porque ninguém se queria atrasar para o almoço. A maioria das miúdas ainda tinha de mudar de roupa e compor o penteado.

Depois de toda a gente se ir embora, ficaram duas negras. Foram ter com Eleanor e começaram a descolar pensos da parede.

— Nã' se faz — sussurrou uma delas, a amachucar um penso. Chamava-se DeNice, e parecia nova de mais para andar no décimo ano. Era pequena e tinha duas tranças no cabelo.

Eleanor abanou a cabeça, mas não disse nada.

— Aquelas não prestam para nada — disse DeNice. — São tão insignificantes que Deus nem as vê.

— Hum, hum — concordou a outra miúda. Eleanor tinha quase a certeza que ela se chamava Beebi. Beebi era aquilo a que a mãe de Eleanor chamaria “uma rapariga forte”. Muito mais forte do que Eleanor. O fato de treino de Beebi era de uma cor diferente de todos os outros, como se tivesse sido feito por encomenda. Eleanor sentiu-se constrangida por se sentir tão mal com o seu próprio corpo... e ficou a pensar porque é que seria ela a miúda gorda oficial da turma.

Deitaram os pensos para o lixo e empurraram-nos para baixo de umas toalhas de papel molhadas para que ninguém os encontrasse.

Se DeNice e Beebi não lá estivessem, Eleanor poderia ter ficado com alguns pensos, os que não tinham nada escrito porque, caramba, que desperdício.

Estava atrasada para o almoço, e depois atrasada para Inglês. Se já não soubesse que gostava do estúpido miúdo asiático, sabia agora.

Porque, mesmo depois de tudo o que acontecera nos últimos quarenta e cinco minutos — e tudo o que acontecera nas últimas vinte e quatro horas —, Eleanor só conseguia pensar em ver Park.

Park

Quando voltaram ao autocarro, ela pegou no *Walkman* dele sem discussão. E sem esperar que ele lho pusesse. Na paragem antes da sua, devolveu-lho.

— Podes levar emprestado — disse ele baixinho. — Ouve o resto da cassette.

— Não quero estragá-lo — disse ela.

— Não vais estragá-lo.

— Não quero gastar as pilhas.

— Quero lá saber das pilhas.

Ela olhou para ele então, fitou-o, talvez pela primeira vez desde sempre. O cabelo dela estava ainda mais revoltado do que de manhã — mais frisado do que encaracolado, como se ela quisesse ganhar uma carapinha ruiva. Porém, os olhos estavam muito sérios, frios de tão sóbrios. Qualquer cliché que já se tenha ouvido a descrever os olhos de Clint Eastwood, eram os olhos de Eleanor.

— A sério — disse ela. — Queres lá saber.

— São pilhas, mais nada — disse ele.

Ela tirou as pilhas e a cassete do *Walkman* de Park, devolveu-lho, e saiu do autocarro sem olhar para trás.

Caramba, era mesmo esquisita.

Eleanor

As pilhas começaram a falhar à uma da manhã, mas Eleanor continuou a ouvir mais uma hora, até as vozes abrandarem e finalmente pararem.

Eleanor

Ela não se esquecera dos livros e levava roupa lavada. Tivera de lavar as calças de ganga na banheira essa noite, ainda estavam mais ou menos húmidas... Mas, no geral, Eleanor sentia-se mil vezes melhor do que no dia anterior. Até o cabelo estava meio cooperante. Apanhara-o num carapito e amarrara-o com um elástico. Iria doer como o raio tentar tirar o elástico mas, pelo menos, agora o cabelo estava sossegado.

Melhor de tudo, ela tinha as canções de Park na cabeça — e no peito, de algum modo.

Havia algo na música daquela cassette. Soava diferente. Tipo, levava-lhe os pulmões e o estômago ao rubro. Havia algo de empolgante, e algo de nervoso. Fazia Eleanor sentir que nada, tipo o mundo todo, não era o que ela achava que era. Era uma coisa boa. Era uma coisa ótima.

Quando entrou para o autocarro nessa manhã, levantou logo a cabeça em busca de Park. Ele também estava a espreitar, como se estivesse à espera dela. Ela não pôde evitar, sorriu. Só um segundo.

Assim que se sentou, Eleanor afundou-se no assento para que os rufias da parte de trás não pudessem ver no alto da cabeça dela o quanto se sentia feliz.

Ela sentia Park sentado a seu lado, embora ele estivesse afastado pelo menos quinze centímetros.

Passou-lhe os álbuns, e depois começou nervosamente a puxar a fita verde que enrolara ao pulso. Não lhe ocorria nada para dizer. Começou a afligir-se que talvez não dissesse nada, que nem sequer lhe agradecesse...

As mãos de Park estavam completamente quietas no colo dele. E perfeitamente perfeitas. Cor de mel com unhas limpas e cor-de-rosa. Tudo nele era forte e esbelto. De cada vez que se mexia, era por uma razão.

Estavam quase a chegar à escola quando ele interrompeu o silêncio.

— Ouviste?

Ela assentiu e deixou que o olhar subisse até aos ombros dele.

— Gostaste? — perguntou ele.

Ela revirou os olhos.

— Oh, meu Deus. Foi como... assim, tipo — ela abriu bem os dedos — espetacular.

— Estás a ser sarcástica? Não sei dizer.

Ela olhou para a cara dele, embora soubesse como se iria sentir, como se alguém lhe arrancasse as entranhas pelo peito.

— Não. Foi espetacular. Eu não queria parar de ouvir. Aquela canção, como é, “Love Will Tear Us Apart”?

— Pois, Joy Division.

— Oh, meu Deus, é o melhor início de canção de sempre.

Ele imitou a guitarra e a bateria.

— Sim, sim, sim — disse ela. — Eu só queria ouvir aqueles três segundos repetidamente.

— E podias. — Os olhos dele sorriam, a boca mais ou menos.

— Não queria gastar as pilhas — disse ela.

Ele abanou a cabeça, como se ela fosse parva.

— Mais — disse ela. — Adorei o resto também, como os agudos, a melodia, o *dá, dá-de-dá-dá, de-dáá, de-dááá*.

Ele assentiu.

— E a voz dele no fim — disse ela — quando vai um bocadinho agudo de mais... E depois o final mesmo, onde parece que a bateria está a lutar, como se não quisesse que a canção acabasse...

Park fez barulho de bateria com a boca:

— *Ch-ch-ch, ch-ch-ch*.

— Só me apetece partir a canção aos bocadinhos — disse ela — e amá-los até à morte.

Com isto, ele riu-se.

— E os Smiths? — perguntou.

— Eu não sabia quem era quem — respondeu ela.

— Vou escrever para saberes.

— Gostei de tudo.

— Ótimo — disse ele.

— Adorei.

Ele sorriu, mas virou-se para a janela. Ela olhou para baixo.

Estavam a entrar no parque de estacionamento. Eleanor não queria que aquela conversa — tipo, conversa *mesmo*, toma lá, dá cá e a sorrirem um para o outro — parasse.

— E... — disse ela logo. — Adoro os X-Men, mas odeio o Cyclops.

Ele virou a cabeça.

— Não podes odiar o Cyclops, é o capitão da equipa.

— É uma seca. É pior do que o Batman.

— O quê? Tu odeias o Batman?

— Caramba. Que seca. Nem consigo obrigar-me a ler. Sempre que trazes o Batman, dou comigo a ouvir o Steve, ou a olhar pela janela, desejosa de estar em hipersono. — O autocarro parou.

— Humpf — fez ele, a levantar-se. Fez mesmo com ar de censura.

— O que foi?

— Agora sei em que pensas quando olhas pela janela.

— Não sabes nada — disse ela. — Eu misturo tudo.

Toda a gente estava a passar por eles no corredor. Eleanor também se levantou.

— Vou trazer-te *O Regresso do Cavaleiro das Trevas* — disse ele.

— O que é isso?

— Apenas a história do Batman menos seca de todo o sempre.

— A história do Batman menos seca de todo o sempre, hein? O Batman alguma vez levanta as *duas* sobrancelhas?

Ele riu-se outra vez. A cara dele mudava por completo quando se ria. Não era que fizesse covinhas, propriamente, mas os lados da cara dobravam-se sobre si e os olhos dele quase desapareciam.

— Espera só — disse ele.

Park

Nessa manhã, em Inglês, Park reparou que o cabelo de Eleanor terminava num ponto ruivo e macio na nuca.

Eleanor

Nessa tarde, em História, Eleanor reparou que Park roía o lápis quando pensava. E que a miúda sentada atrás dele — como é que se chamava, Kim, com mamas grandes e mochila cor de laranja da *Esprit* — obviamente estava caidinha por ele.

Park

Nessa noite, Park fez uma gravação com a canção dos Joy Division, repetidamente.

Esvaziou todos os jogos de vídeo portáteis e os carros telecomandados do Josh, e ligou à avó para lhe dizer que, para os anos dele em novembro, só queria pilhas AA.

Eleanor

— Eu sei que ela não acha que eu vá saltar por cima daquilo — disse DeNice.

DeNice e a outra miúda, a forte, Beebi, conversavam com Eleanor agora na ginástica (porque ser insultada com pensos higiénicos é uma bela maneira de fazer amigas e influenciar pessoas).

Hoje na aula, a professora de ginástica, Burt, mostrara-lhes como passar por cima de um cavalo de arções antiquíssimo, e disse que, da próxima vez, toda a gente tinha de experimentar.

— Ela nem sabe o que lhe vai acontecer — disse DeNice depois da aula, no vestiário. — Mas eu pareço a Mary Lou Retton?

Beebi riu-se.

— É melhor dizer-lhe que não tomaste o pequeno-almoço.

Aliás, pensou Eleanor, a DeNice até parecia uma ginasta. Com a franja e as tranças de menina. Parecia nova de mais para andar no secundário, e a roupa piorava tudo. Blusas com mangas de balão, jardineiras, bolinhas no cabelo a combinar... Ela usava o fato de treino folgado, como um pijama de bebé.

Eleanor não tinha medo do cavalo de arções, mas não queria ter de correr pelos tapetes fora com a turma inteira a ver. Não queria correr, e mais nada. Parecia que os seios se lhe iam despegar do peito.

— Vou dizer à Prof.^a Burt que a minha mãe não quer que eu faça nada que me possa romper o hímen — disse Eleanor. — Por motivos religiosos.

— A sério? — perguntou Beebi.

— Não — disse Eleanor, a rir-se. — Bem, se calhar...

— Tu és mazinha — disse DeNice, a abotoar as jardineiras.

Eleanor enfiou a t-shirt pela cabeça e depois tirou o fato de treino, tapada pela t-shirt.

— Vens então? — perguntou DeNice.

— Bem, não é provável que comece a fazer gazeta só por causa da ginástica — respondeu Eleanor, a saltar para puxar as calças de ganga.

— Não, se vens almoçar?

— Ah — disse Eleanor, e levantou a cabeça. Estavam à espera dela ao fundo dos cacifos. — Vou.

— Então despacha-te, Janet Jackson.

Ela sentou-se com DeNice e Beebi na mesa delas ao pé das janelas. Nessa hora de intervalo, Eleanor viu Park passar.

Park

— Porque é que não tiras a carta até quando for o baile? — perguntou Cal.

O Prof. Stessman tinha-os em grupinhos. Era para compararem Julieta com Ofélia.

— Porque não consigo manipular o tempo e o espaço — respondeu Park. Eleanor estava sentada do outro lado da sala, ao pé das janelas. Fazia par com um tipo chamado Eric, jogador de basquete. Ele falava, e Eleanor olhava para ele de sobrolho franzido.

— Se tivesses carro — continuou Cal —, podíamos convidar a Kim.

— Tu podes convidar a Kim — disse Park.

Eric era daqueles tipos altos que anda sempre com os ombros meio metro atrás dos quadris. Constantemente a dançar o limbo. Como se tivesse medo de bater com a cabeça nos umbrais das portas.

— Ela quer ir em grupo — disse Cal. — E também acho que ela te grama.

— O quê? Não quero ir ao baile com a Kim. Nem sequer gosto dela. Quer dizer, tu sabes... *Tu* gostas dela.

— Eu sei, é por isso que o plano dá resultado. Vamos todos juntos ao baile. Ela percebe que tu não gostas dela, sente-se uma desgraçadinha e adivinha quem vai lá estar, a convidá-la para o *slow*?

— Não quero fazê-la sentir-se desgraçadinha.

— É ela ou eu, meu.

Eric disse outra coisa qualquer, e Eleanor franziu o sobrolho outra vez. Depois olhou para Park — e deixou de franzir. Park sorriu.

— Um minuto — anunciou o Prof. Stessman.

— Chiça — disse Cal. — O que é que já sabemos? Ofélia era tarada, não era? E Julieta, quê, andava no sexto ano?

Eleanor

— Então Psylocke é outra rapariga telepata?

— Hum, hum — fez Park.

Todas as manhãs, quando Eleanor entrava no autocarro, ralava-se que Park não tirasse os auscultadores dos ouvidos. Que parasse de conversar com ela da mesma maneira súbita com que começara... Se isso acontecesse — se ela entrasse no autocarro um dia e ele não levantasse a cabeça —, ela não queria que ele visse como ela ficaria destroçada.

Até à data, não acontecera.

Até à data, eles não tinham parado de conversar. Tipo, literalmente. Falavam o tempo todo sentados ao lado um do outro. Quase todas as conversas começavam com “O que é que tu achas de...?”

O que é que Eleanor achava daquele álbum dos U2? Ela adorava.

O que é que Park achava de *Miami Vice*? Ele achava uma seca.

— Sim — diziam eles quando concordavam. Toma lá, dá cá. — Sim. Sim. *Sim!*

— *Pois é.*

— *Exato.*

— *Não é?*

Concordavam em tudo o que fosse importante e discutiam tudo o resto. O que também era bom porque, quando discutiam, Eleanor arranjava sempre maneira de fazer Park desatar a rir-se.

— Para que é que os X-Men precisam de outra telepata? — perguntou ela.

— Esta tem cabelo roxo.

— É tudo tão machista.

Park arregalou os olhos. Bem, mais ou menos. Por vezes ela ficava a pensar se a forma dos olhos dele lhe afetaria a visão das coisas. Devia ser a interrogação mais racista de todo o sempre.

— Os X-Men não são machistas — disse ele, a abanar a cabeça. — São uma metáfora de aceitação; juraram proteger um mundo que os odeia e os receia.

— Pois — disse ela — mas...

— Não há *mas* nem meio *mas* — disse ele, a rir-se.

— *Mas* — insistiu Eleanor — as raparigas são estereótipos de raparigas passivas. Metade delas limita-se a pensar com muita força. Como se fosse *esse* o superpoder delas, *pensar*. O poder da Shadowcat ainda é pior: ela desaparece.

— Ela fica intangível — disse Park. — É diferente.

— Ainda é coisa que se pode fazer na hora do chá — disse Eleanor.

— Com chá quente na mão, não se pode. Aliás, estás a esquecer-te da Storm.

— Não me estou a esquecer da Storm. Ela controla o clima com a cabeça; isso não é mais do que pensar. E não *podia* fazer praticamente mais nada naquelas botas.

— Tem uma crista muito fixe... — disse Park.

— Irrelevante — retorquiu Eleanor.

Park recostou a cabeça no assento, a sorrir, e olhou para o teto.

— Os X-Men não são machistas.

— Estás a tentar lembrar-te de uma X-Woman poderosa? — perguntou Eleanor. — E se for a Dazzler? É uma bola de espelhos viva. Ou a Rainha Branca? Ela pensa com muita força vestida de lingerie branca imaculada.

— Que tipo de poder querias *tu*? — perguntou ele, a mudar de assunto. Virou a cara para ela, encostando a face ao assento. Ainda a sorrir.

— Queria voar — respondeu Eleanor, a desviar os olhos. — Sei que não é assim muito útil, mas... sempre é *voar*.

— *Sim* — disse ele.

Park

— Caraças, Park, vais em missão de ninja?

— Os ninjas vestem preto, Steve.

— O quê?

Park devia ter ido mudar de roupa depois do taekwondo, mas o pai mandara-o estar de volta até às nove, e isso dava-lhe menos de uma hora para mostrar à Eleanor.

Steve estava na rua a arranjar o *Camaro*. Ainda não tinha carta de condução, mas estava a preparar-se.

— Vais ver a namorada? — perguntou ele a Park.

— O quê?

— Vais esgueirar-te para veres a tua namorada? A *Bloody Mary*?

— Ela não é minha namorada — disse Park, e engoliu em seco.

— A esgueirar-se armado em ninja — disse Steve.

Park abanou a cabeça e desatou a correr. Bem, ela não era, pensou ele, a atalhar pela viela.

Não sabia bem onde é que Eleanor morava. Sabia onde ela entrava no autocarro, e sabia que ela morava ao lado da escola...

Deve ser aqui, pensou ele. Parou diante de uma casa pequena e branca. Havia brinquedos partidos no quintal, e um Rottweiler gigantesco a dormir no alpendre.

Park avançou lentamente para a casa. O cão levantou a cabeça e mirou-o um segundo, mas voltou a dormir. Não se mexeu, nem sequer quando Park subiu os degraus e bateu à porta.

O sujeito que atendeu parecia novo de mais para ser pai de Eleanor. Park tinha quase a certeza de já o ter visto no bairro. Não sabia de quem é que estava à espera que lhe aparecesse à porta. Alguém mais exótico. Alguém mais como ela.

O homem nem sequer disse nada. Ficou à porta à espera.

— A Eleanor está em casa? — perguntou Park.

— Quem quer saber? — Tinha um nariz como uma faca, e olhava de cima para Park.

— Somos colegas de escola — respondeu Park.

O sujeito mirou Park mais um segundo e depois fechou a porta. Park não sabia o que fazer. Aguardou uns minutos; nisto, mesmo quando já pensava ir-se embora, Eleanor abriu a porta o suficiente para sair.

Tinha os olhos muito redondos de susto. Assim na obscuridade, nem parecia que ela tinha íris.

Assim que ele a viu, soube que tinha sido um erro lá ir — sentiu que devia ter sabido disso ainda mais cedo. Estava tão animado para lhe mostrar...

— Então? — disse ele.

— Olá.

— Eu...

— ... vim desafiar-te para um combate mano-a-mano?

Park levou a mão à parte da frente do *dobak* e tirou a segunda edição dos *Watchmen*. A cara dela animou-se; estava tão pálida, tão luminosa debaixo do candeeiro da rua, não era apenas uma expressão.

— Tu já leste? — perguntou ela. Ele abanou a cabeça.

— Achei que podíamos... juntos.

Eleanor olhou para dentro de casa, e depois saiu rapidamente do alpendre. Ele foi atrás dela pelos degraus, pelo acesso coberto de gravilha, até aos degraus das traseiras da escola primária. Havia uma grande luz de segurança sobre a porta. Eleanor sentou-se no degrau e ele sentou-se a seu lado.

Demorou duas vezes mais a ler *Watchmen* do que qualquer outro álbum, e demorou ainda mais naquela noite porque era tão estranho estarem sentados noutro sítio que não no autocarro. Encontrarem-se sequer fora da escola. Eleanor tinha o cabelo molhado e a cair-lhe em caracóis longos e escuros à volta do rosto.

Quando chegaram à última página, Park só lhe apetecia ficar sentado a conversar sobre isso (só lhe apetecia ficar sentado a conversar com Eleanor).

Porém, ela já estava de pé e a olhar para casa.

— Tenho de me ir embora — disse.

— Ah — disse ele. — Está bem. Pois, eu também.

Ela deixou-o sentado nos degraus da escola primária. Desapareceu dentro de casa antes de ele pensar sequer em despedir-se.

Eleanor

Quando ela tornou a entrar em casa, a sala estava às escuras, mas a tele-

visão estava ligada. Eleanor viu Richie sentado no sofá e a mãe no umbral da porta da cozinha.

Eram só uns passos até ao quarto...

— Era o teu namorado? — perguntou Richie antes de ela lá chegar. Não tirou os olhos da televisão.

— Não — respondeu ela. — É um colega da escola.

— O que é que ele queria?

— Falar comigo sobre um trabalho.

Ela esperou à porta do quarto. Depois, como Richie não disse mais nada, entrou e fechou a porta atrás de si.

— Eu sei o que andas a tramar — disse ele, mais alto quando a porta se fechou. — Não passas de uma cadela com o cio.

Eleanor deixou que as palavras a atingissem de frente. Apanhou-as mesmo no queixo.

Subiu para o beliche e cerrou os punhos e os maxilares — manteve tudo cerrado até conseguir respirar sem gritar.

Até àquele momento, guardara Park num lugar da sua cabeça onde achava que Richie não conseguia chegar. Completamente separado daquela casa e do que acontecia ali (era um lugar bastante espetacular, tipo, a única parte da cabeça dela que servia para rezar).

Mas agora Richie estava lá, a sujar tudo. A fazer tudo o que ela sentia parecer azedo e podre como ele.

Agora ela não conseguia pensar em Park...

Na maneira como ele ficava na obscuridade, vestido de branco, como um super-herói.

Na maneira como ele cheirava, a suor e sabonete.

Na maneira como ele sorria quando gostava de alguma coisa, com os lábios ligeiramente curvados nos cantos...

Sem sentir Richie a gozar.

Deu um pontapé ao gato, só para ser mazinha. O gato guinchou mas saltou logo lá para cima outra vez.

— Eleanor — sussurrou Maisie do beliche de baixo —, era o teu namorado?

Eleanor rilhou os dentes.

— Não — sussurrou ferozmente. — Era só um rapaz.

Eleanor

A mãe ficou no quarto enquanto Eleanor se preparava.

— Espera — sussurrou ela, a pegar na escova e a juntar o cabelo de Eleanor num rabo de cavalo sem alisar os caracóis. — Eleanor... — disse.

— Eu sei porque é que estás aqui — disse Eleanor, a afastar-se. — Não quero falar disso.

— Mas escuta.

— Não. *Eu sei*. Ele não volta, está bem? Eu não o convidei, mas vou dizer-lhe, e ele não volta.

— Está bem, pronto... ótimo — disse a mãe, a cruzar os braços, ainda a sussurrar. — É que tu és tão novinha.

— Não — disse Eleanor. — Não é nada disso, mas nem sequer importa. Ele não volta, está bem? Não é nada assim, seja como for.

A mãe saiu do quarto. Richie ainda estava em casa. Eleanor saiu porta fora quando o ouviu abrir a torneira do lavatório.

Não é nada assim, pensou ela, a caminho da paragem de autocarro. Só de pensar nisso deu-lhe vontade de chorar, porque sabia que era verdade.

A vontade de chorar deixou-a irritada.

Porque, se ia chorar por causa de alguma coisa, seria o facto de a sua

vida ser uma merda rematada — não seria porque um tipo fixe e fofo não gostava dela *nada assim*.

Especialmente quando ser apenas amiga de Park era a melhor coisa que alguma vez lhe tinha acontecido.

Ela devia estar com ar zangado quando entrou no autocarro porque Park não disse olá quando ela se sentou.

Eleanor olhou para o corredor.

Passados uns segundos, ele puxou pelo lenço de seda antiga que ela amarrara ao pulso.

— Desculpa — disse ele.

— Porquê? — Ela até soava zangada. Caramba, era mesmo parva.

— Não sei — respondeu ele. — Parece-me que se calhar te arranjei sarilhos ontem à noite...

Ele puxou pelo lenço outra vez, e ela olhou para ele. Tentou não parecer zangada — mas preferia parecer zangada do que parecer que passara a noite a pensar nos belíssimos lábios que ele tinha.

— Era o teu pai? — perguntou ele. Ela sacudiu a cabeça para trás.

— *Não*. Não, era o meu... o marido da minha mãe. Ele não é realmente *meu* nada. Meu problema, parece-me.

— Tiveste sarilhos?

— Mais ou menos. — Não lhe apetecia nada falar de Richie a Park. Mal conseguira raspar todo o Richie do lugar onde guardava Park na sua cabeça.

— Desculpa — disse ele outra vez.

— Não faz mal — disse ela. — A culpa não foi tua. Seja como for, obrigada por me lebares os *Watchmen*. Ainda bem que consegui ler.

— Foi fixe, não foi?

— Foi, *pois*. Assim brutal. Quer dizer, aquela parte com o Comedian...

— Pois... desculpa.

— Não, não foi isso que quis dizer. Quer dizer... Acho que tenho de ler outra vez.

— Eu li duas vezes esta noite. Podes ficar com ele hoje.

— Posso? Obrigada.

Ele ainda tinha na mão a ponta do lenço, esfregava a seda entre o polegar e os outros dedos, absorto. Ela ficou a olhar para a mão dele.

Se ele olhasse para a cara dela agora, saberia exatamente a estúpida

que ela era. Ela sentiu a própria cara ficar mole e fofa. Se Park olhasse para ela agora, ficaria a saber tudo.

Ele não olhou. Enrolou o lenço aos próprios dedos até a mão dela ficar pendurada no espaço entre eles.

Depois deslizou a seda e os dedos para a palma da sua mão aberta.

E Eleanor desintegrou-se.

Park

Estar de mão dada com Eleanor era como segurar numa borboleta. Ou num coração a bater. Como segurar algo completo, e completamente vivo.

Assim que ele lhe tocou, ficou a pensar como é que tinha aguentado tanto tempo sem lhe tocar. Passou o polegar pela palma da mão dela e subiu pelos dedos, e sentiu cada fôlego que ela exalava.

Park já tinha estado de mão dada com outras miúdas. Miúdas na Skateland. Uma miúda no ano anterior, no baile do nono ano (tinham-se beijado enquanto esperavam que o pai dela os fosse buscar). Até andara de mão dada com a Tina, quando eles “andavam” no sexto ano.

Tinha sido sempre bom. Não muito diferente de dar a mão ao Josh quando eram pequenos e atravessavam a rua. Ou dar a mão à avó quando ela o levava à missa. Talvez mais suado, mais constrangido.

Quando ele beijara a miúda no ano passado, com a boca seca e os olhos praticamente abertos, Park ficara a pensar que devia haver algo errado nele.

Até lhe ocorrera — a sério, enquanto a beijava, passara-lhe pela cabeça — que podia ser gay. Só que também não lhe apetecia beijar rapazes. E que se pensasse na She-Hulk ou na Storm (em vez de na miúda, Dawn), o beijo sabia muito melhor.

Se calhar, não me sinto atraído por miúdas a sério, pensara ele na altura. Se calhar sou um tarado sexual dos cartoons.

Ou talvez, pensava ele agora, ele não reconhecesse aquelas outras miúdas todas. Assim como uma unidade de computador cospe uma disquete se não reconhecer o formato.

Quando tocou na mão de Eleanor, ele reconheceu-a. Ele soube.

Eleanor

Desintegrou-se.

Como se algo corresse mal a teletransportá-la para a *Enterprise*.

A quem tenha pensado qual é a sensação, é muito como derreter — mas mais violento.

Mesmo num milhão de bocadinhos diferentes, Eleanor ainda sentia Park a dar-lhe a mão. Ainda sentia o polegar dele a acariciar-lhe a palma. Ficou sentada completamente quieta porque não tinha outra hipótese. Tentou lembrar-se dos animais que paralisam a presa antes de a comerem...

Talvez Park a tivesse paralisado com a sua magia de ninja, o aperto de mão Vulcano, e agora fosse devorá-la.

Seria espetacular.

Park

Separaram-se quando o autocarro parou. Passou por Park uma onda de realidade, e ele olhou em redor, nervoso, não fosse alguém estar a observá-los. Depois olhou para Eleanor, nervoso, não fosse ela reparar que ele olhava.

Ela ainda estava a olhar para o chão, mesmo quando pegou nos livros e se pôs de pé no corredor.

Se alguém estivesse a observá-los, o que é que teria visto? Park não conseguia imaginar a cara que fizera quando tocara em Eleanor. Como alguém a dar o primeiro golinho num anúncio da *Diet Pepsi*. Felicidade infundável.

Ficou atrás dela no corredor. Ela era quase da sua altura. Tinha o cabelo apanhado, e a nuca estava corada e às manchas. Park resistiu ao impulso de encostar a face.

Foi com ela todo o caminho até ao cacifo, e encostou-se à parede quando ela o abriu. Ela não disse nada, pôs uns livros na prateleira e tirou outros.

Conforme a adrenalina de lhe ter tocado amainava, ele começou a aperceber-se de que Eleanor não fizera realmente nada para lhe tocar também. Não enrolara os dedos nos dele. Nem sequer olhara para ele. Ainda não olhara para ele. *Bolas.*

Ele bateu devagar na porta do cacifo.

— Então? — perguntou ele. Ela fechou a porta.

— Então o quê?

— Tudo bem? — perguntou ele. Ela acenou com a cabeça.

— Vemo-nos em Inglês? — perguntou ele.

Ela acenou de novo com a cabeça e foi-se embora.

Bolas.

Eleanor

Durante a primeira e a segunda e a terceira horas, Eleanor esfregou a palma da mão.

Não aconteceu nada.

Como é que era possível haver tantas terminações nervosas num só sítio?

E estariam sempre lá, ou acendiam-se apenas quando lhes desse na real gana? Porque, se estavam sempre lá, como é que ela conseguia rodar maçanetas sem desmaiar?

Talvez fosse por isso que tanta gente dizia ser melhor conduzir com caixa de velocidades.

Park

Bolas. Seria possível violar a mão de alguém?

Eleanor não quis olhar para Park na aula de Inglês nem na aula de História. Ele foi ao cacifo dela depois das aulas, mas ela não estava lá.

Quando entrou no autocarro, ela já estava sentada, mas no lugar dele, à janela. Ele estava tão envergonhado que nem disse nada.

Sentou-se ao lado dela e deixou as mãos penduradas entre os joelhos...

Ou seja, ela teve mesmo de pegar no pulso dele, puxar-lhe a mão para as suas. Entrelaçou os dedos nos dele e tocou-lha na palma da mão com o polegar.

Os dedos dela tremiam.

Park mudou de posição no assento e virou costas ao corredor.

— Tudo bem? — sussurrou ela.

Ele fez que sim com a cabeça, a respirar fundo. Ficaram ambos a olhar para as mãos.

Caramba.

Eleanor

Os sábados eram o pior.

Aos domingos, Eleanor podia pensar o dia todo que segunda-feira vinha já a seguir. Mas os sábados duravam dez anos.

Já terminara os trabalhos de casa. Um tarado qualquer tinha escrito *ficas aluada a pensar em mim* no manual de Geografia dela, e Eleanor passou muito tempo a tapar com caneta de tinta preta. Tentou transformar aquilo numa espécie de flor.

Viu os desenhos animados com os pequenitos até chegar a hora do golfe, depois jogou solitário com a Maisie até estarem as duas mortas de tédio.

Mais tarde, iria ouvir música. Guardara as duas últimas pilhas que Park lhe dera para poder ouvir hoje quando tinha mais saudades dele. Já tinha cinco cassetes dele agora — ou seja, se as pilhas durassem, tinha 450 minutos para passar com Park na cabeça, de mão dada com ele.

Talvez fosse estúpido, mas era isso que ela fazia com ele, mesmo em fantasias — mesmo quando tudo seria possível. No que tocava a Eleanor, isso só mostrava a maravilha que era estar de mão dada com Park.

(Além disso, não era que eles estivessem só de mão dada. Park tocava-lhe nas mãos como se elas fossem algo raro e precioso, como se os dedos dela estivessem intimamente ligados ao resto do corpo. Claro que

estavam. Era difícil explicar. Ele fazia-a sentir-se mais do que a soma das suas partes.)

A única coisa má na nova rotina no autocarro era ter reduzido seriamente as conversas deles. Ela mal podia olhar para Park quando ele lhe tocava. E parecia que custava muito a Park terminar as frases (ou seja, ele gostava dela. *Aha*).

No dia anterior, no regresso a casa, o autocarro tivera de fazer um desvio de quinze minutos por causa de um cano de esgoto rebentado. Steve começara a praguejar que tinha de chegar ao emprego novo a horas, na estação de serviço. E Park dissera: “Ena...”

— O que foi? — Eleanor agora ia à janela porque a fazia sentir-se mais segura, menos exposta. Quase podia fazer de conta que tinham o autocarro só para eles.

— Até consigo rebentar canos de esgoto por telepatia — disse Park.

— Trata-se de uma mutação deveras limitada — disse ela. — O que é que te chamam?

— Chamam-me... hum... — E nisto, ele desatara a rir-se e puxara-lhe um caracolinho. (Era um desenvolvimento novo e espetacular — mexer no cabelo. Por vezes, ele aparecia por detrás dela, depois das aulas, e puxava-lhe o rabo de cavalo ou tocava-lhe no alto do carrapito.)

— Eu... não sei o que é que me chamam — disse ele.

— Se calhar, Obras Públicas — disse ela, a pôr a mão em cima da dele, dedo a dedo. As pontas dos dedos dela chegavam ao último nó dos dedos dele. Podia muito bem ser a única parte dela que era mais pequena do que a dele.

— Pareces uma menina — disse ele.

— A que te referes?

— As tuas mãos. Parecem... — Ele pegou numa delas com ambas as suas. — Não sei... vulneráveis.

— Mestre dos Canos — sussurrou ela.

— O quê?

— É o teu nome de super-herói. Não, espera: Encanador. Tipo, “Tens de pagar ao Encanador!”

Ele riu-se e puxou outro caracolinho.

Era o máximo que os dois tinham conversado em duas semanas. Ela começara a escrever-lhe uma carta — começara-a um milhão de vezes

— mas parecia coisa típica do sétimo ano, francamente. O que é que ela podia escrever?

Querido Park, eu gosto de ti. Tens um cabelo mesmo giro.

Ele tinha mesmo cabelo giro. Mesmo, mesmo. Curto atrás, mas tipo comprido e aberto à frente. Era completamente liso e quase completamente preto, o que, no Park, parecia uma escolha de estilo. Trajava sempre de preto, da cabeça aos pés. T-shirts pretas de punk rock por cima de camisolas polares de mangas compridas, pretas. Ténis pretos. Calças de ganga. Quase tudo preto, quase todos os dias. (Tinha uma t-shirt branca, mas dizia *Black Flag* à frente em letras grandes pretas.)

Sempre que Eleanor usava preto, a mãe dizia-lhe que mais parecia estar a caminho de um funeral — já no caixão. Seja como for, a mãe dizia coisas assim, no tempo em que ainda reparava, às vezes, no que Eleanor usava. Eleanor tirara todos os alfinetes de ama da caixa de costura da mãe e usava-os para prender bocados de seda e veludo nos buracos das calças de ganga, e a mãe nem reparara nisso.

Park ficava bem de preto. Ficava com ar de quem foi desenhado a carvão. Sobrancelhas pretas, espessas e arqueadas. Pestanas pretas e curtas. Bochechas altas e brilhantes.

Querido Park, eu gosto tanto de ti. Tens umas bochechas mesmo lindas.

A única coisa em que ela não gostava de pensar, acerca de Park, era no que ele poderia ver nela.

Park

A carrinha estava sempre a ir abaixo.

O pai de Park não dizia nada, mas Park sabia que estava a ficar chateado.

— Experimenta outra vez — disse o pai. — Basta ouvir o motor, e depois engatar a mudança.

Era uma simplificação exagerada como Park nunca ouvira outra. Escutar o motor, carregar na alavanca, engatar a mudança, acelerar, largar, virar o volante, olhar para os espelhos, fazer pisca, olhar duas vezes a ver se vêm motos...

A parte tramposa era ele ter a certeza que conseguiria se o pai não

estivesse ali sentado, a bufar. Park via-se a fazer aquilo na sua cabeça muitíssimo bem.

Também era assim no taekwondo, às vezes. Park nunca conseguia aprender nada de novo se fosse o pai a ensinar.

Alavanca, mudança, acelerador.

A carrinha foi-se abaixo.

— Estás a pensar de mais — estalou o pai.

Era sempre isto que o pai dizia. Quando Park era miúdo, tentava contrapor.

— Não posso *evitar* pensar — dizia Park nas aulas de taekwondo. — Não consigo desligar o cérebro.

— Se lutares assim, alguém ainda o desliga por ti.

Alavanca, mudança, travão.

— Começa outra vez... Agora, não penses, engata só... eu disse, *não penses*.

A carrinha foi-se abaixo outra vez. Park pôs as mãos de cada lado e a cabeça no volante e preparou-se. O pai irradiava frustração.

— Credo, Park, não sei o que hei de fazer contigo. Andamos nisto há um ano. Ensinei o teu irmão a conduzir em duas semanas.

Se a mãe estivesse ali, ralhava com ele. *Isso não se faz*, dizia ela. *Dois rapazes. Diferentes*.

E o pai punha-se a rilhar os dentes.

— Parece que ao Josh não custa deixar de pensar — disse Park.

— Podes chamar estúpido ao teu irmão — disse o pai. — Mas ele sabe conduzir com mudanças.

— Mas eu só vou conduzir o *Impala* — resmungou Park para cima do tabliê. — São mudanças automáticas.

— A questão não é essa — o pai já quase berrava. Se a mãe de Park ali estivesse, diria, *Ó senhor, assim não. Vá lá fora berrar ao céu, já que está tão zangado*.

O que é que Park dava a entender quando desejava que a mãe andasse atrás dele a defendê-lo?

Que ele era um cobardolas.

Era o que o pai pensava. Provavelmente, estava naquele momento a pensar nisso. Até devia estar tão calado do esforço para não dizer isso mesmo em voz alta.

— Experimenta outra vez — mandou o pai.

- Não, estou farto.
- Estás farto quando eu disser que estás farto.
- Não — disse Park. — Estou farto agora.
- Pois eu não vou conduzir. Experimenta outra vez.

Park deu à chave. A carrinha foi-se abaixo. O pai bateu com a mão enorme no porta-luvas. Park abriu a porta da carrinha e saltou para o chão. O pai berrou a chamá-lo, mas Park continuou a andar. Estavam a poucos quilómetros de casa.

Se o pai passou por ele no regresso, Park não reparou. Quando chegou ao bairro, já o Sol se punha, Park virou na rua de Eleanor e não na sua. Havia dois miúdos ruivos a brincarem no quintal, embora estivesse frio.

Não conseguiu ver nada para dentro de casa. Se calhar, se lá ficasse um bocado, ela viria à janela. Park só queria ver a cara dela. Os olhos grandes castanhos, os lábios cheios cor-de-rosa. A boca dela parecia-se assim com a do Joker — consoante quem a tivesse desenhado —, muito larga e curvilínea. Não era psicótica, obviamente... Park nunca lhe devia dizer uma coisa destas. É que não soava nada a elogio.

Eleanor não veio à janela, mas os miúdos estavam a mirá-lo, e Park seguiu para casa.

Os sábados eram o pior.